

Exige o Povo Brasileiro Pleno Respeito à Soberania do Egito

Uma Discussão
Que Reflita
os Problemas
ATUAIS

ARTIGOS DE:

★
* VICTOR M. KONDER
— AS RELAÇÕES
COM O PCUS, QUES-
TÃO PRÁTICA GEN-
ERAL

★
* ARIDIO CUNHA —
COMO ORGANIZAR
OS ARTISTAS PLAS-
TICOS?

★
* NELSON REZENDE
— O PARTIDO, UM
ORGANISMO VIVO E
ATUANTE DENTRO
DA REALIDADE

★
* AGOSTINHO CAR-
VALHO — O PARTI-
DO É TUDO

UMA ESPADA DE OURO
AO GEN. TEIXEIRA LOTT



Pessoas de todas as camadas sociais e tendências políticas, reafirmaram seu apoio à jornada histórica de 11 de novembro comparecendo à homenagem que os trabalhadores e o povo prestaram ao ministro da Guerra, chefe do movimento armado que assegurou o respeito à Constituição e à vontade das urnas. Aparecem na foto o general Teixeira Lott e o sr. João Goulart, vice-presidente da República, quando se encaminhavam para o palanque armado diante do Palácio da Guerra, em que foi oferecida a espada de ouro ao chefe do movimento de novembro.

VOZ OPERÁRIA

Nº 392 — Rio de Janeiro, 17 de Novembro de 1956

DEFINIÇÃO DE UMA POLÍTICA NACIONALISTA

NO discurso que pronunciou, dia 12, quando da homenagem ao general Teixeira Lott, comandante do movimento de novembro, o Vice-Presidente João Goulart expôs algumas diretrizes políticas que unem, neste momento, como nunca, a maioria das forças armadas e o povo. Esta unidade se estabelece, declarou o sr. João Goulart, para a defesa das instituições democráticas, do sistema representativo, das liberdades individuais, da Constituição. Mas, já não só para a defesa das franquias constitucionais e da soberania popular se estabelece um amplo entendimento entre as forças populares e as forças militares. «Um traço mais fundo une nossos espíritos — acentuou o Vice-Presidente da República — e identifica o entendimento entre as classes armadas e o povo em face dos problemas do Brasil de hoje: esse traço é o nacionalismo».

NÃO se trata de um nacionalismo «xenóforo e irracional», mas do «nacionalismo esclarecido, pragmático, construtivo, que quer dar uma consciência à nação e não consente em ver sair de nosso território o centro de decisão e orientação de nossos próprios problemas. Um nacionalismo, enfim, que possa firmar este país sem negar os demais.»

A esmagadora maioria da nação — disto não pode haver dúvida — apoia e aplaude essas diretrizes gerais. E não vê nelas simples palavras, mas a justa expressão de sentimentos que empolgam o nosso povo e se refletem em influentes setores do próprio governo através de atos concretos, como a nova política atômica, o apoio claro à Petrobrás, o esforço para a execução de obras realmente necessárias e fundamentais para o desenvolvimento independente da economia nacional. E justamente por isto, porque é a bandeira capaz de reunir as massas populares, amplos setores do governo e a decisiva maioria das forças armadas, esta orientação nacio-

nalista tem todas as condições de se tornar vitoriosa, contribuindo praticamente para o progresso de nossa Pátria e o melhoramento do nível de vida de nosso povo.

MAS desde que existe este consenso geral sobre a necessidade de uma política nacionalista, é urgente que todos os patriotas contribuam para o justo delineamento dos problemas que semelhante orientação põe forçosamente na ordem do dia. Uma coisa é a definição geral de um princípio; outra, a aplicação deste princípio aos problemas concretos impostos pela vida. É nesta prática que se necessita o estabelecimento de pontos de vista comuns que possibilitem a atuação conjunta de todas as forças e de todos os setores que estão por esta política de orientação nacionalista. São justamente as questões práticas que só podem ser solucionadas pelo esforço comum de todas as correntes que lutam pela emancipação nacional e pelo progresso.

A falta de pontos de vista comuns nas questões práticas e candentes que enfrenta o país é justamente a razão de que a orientação nacionalista, se bem que vitoriosa em alguns problemas, venha sendo ainda sistematicamente contrariada numa série de outros e fundamentais setores da vida política e da administração.

DAí a necessidade de uma aproximação cada vez maior entre todas as forças que se colocam em favor de uma política de orientação nacionalista, aproximação possível mediante o esforço de todos para a eliminação de discriminações injustificáveis, para a criação de um clima de amplo e livre debate democrático dos problemas em foco, para o fortalecimento daqueles setores do governo que desejam, com o apoio popular, executar uma política de progresso e emancipação nacional.



O 39º ANIVERSÁRIO DO GRANDE OUTUBRO

Grandes manifestações que já se tornaram uma tradição para o proletariado internacional foram realizadas este ano em Moscou, por ocasião do 7 de novembro, aniversário da grande revolução Socialista de Outubro. Nas fotos: trazendo um retrato de Marx, criador da doutrina do comunismo científico, delegações de trabalhadores desfilam na Praça Vermelha; na tribuna do mausoléu, na Praça Vermelha, dirigentes do Governo Soviético e do P.C.U.S. assistem a parada. Da esquerda para a direita: Voroshilov, Iukov, Kruschiov, Bulgárin, Malenkov e Mikoian (TASS).



Defender o Socialismo e Esmagar a Restauração Contra-Revolucionária

EM editorial sobre a situação da Hungria, o "Jeminjipao" ("Diário do Povo"), de Pequim, externa o ponto de vista dos comunistas chineses. Afirmando inicialmente que a Hungria se acha num estado caótico e ante um grande perigo, o jornal escreve:

"Imre Nagy organizou o governo na sua qualidade de comunista e manifestou o desejo de ser leal à causa do socialismo na Hungria, ao assumir as rédeas do governo. A luz da presente situação, entretanto, isto não passa de uma fraude. Os contra-revolucionários, aproveitando-se do caos reinante sob o governo Nagy recomeçaram suas atividades e formam partidos, grupos e outras organizações, sob várias palavras de ordem, para levar a termo furiosos ataques às forças revolucionárias.

Assim é que em muitos lugares os terroristas contra-revolucionários se apoderaram das sedes do Partido Comunista e assassinaram seus membros. Ferenc Nagy, um caudilho contra-revolucionário que havia sido exilado, assim como muitos políticos reacionários que se encontravam nas mesmas condições, correram para Viena ou retornaram

(ESCREVE SOBRE A SITUAÇÃO NA HUNGRIA O ÓRGÃO DO P.C. CHINÊS)

diretamente para Budapeste, a fim de participar de atividades conspiratórias. Grupo após grupo, antigos fascistas húngaros, de armas nas mãos, cruzaram as fronteiras austro-húngaras, de armas nas mãos, cruzaram as fronteiras austro-húngaras e entraram na Hungria. Ao mesmo tempo, o governo americano, que continua e abertamente tem advogado a destruição dos países socialistas da Europa Oriental, "pagou tributo" à Hungria submetida ao terror. Ele também propôs dar 20 milhões de dólares merecidos de ajuda material ao governo de Nagy.

Traidores da nação húngara

Os patriotas húngaros agora podem ver claramente que os terroristas contra-revolucionários, ainda que levantando a bandeira do patriotismo, da independência e da liberdade, de nenhum modo representam os interesses nacionais de seu país. Eles são os traidores da nação húngara e dos grandes patriotas húngaros Lajos Kossuth e Sandor Petoeff.

Esses contra-revolucionários são, na verdade, os herdeiros diretos de Horthy, que sujeitou a Hungria com o terror fascista de 1919 a 1944. Durante o período em que Horthy esteve no poder, após a derrota da República Socialista Húngara em 1919 pelas forças imperialistas, dezenas de milhares de trabalhadores húngaros foram assassinados, setenta mil pessoas foram presas e encarceradas e o Partido Comunista foi forçado a passar à ilegalidade.

O domínio reacionário de Horthy não somente empobrecceu o povo e esauriu a riqueza material do país, mas como resultado de sua participação na guerra anti-soviética de Hitler, ocorreu quase o colapso total do exército húngaro e todo o país foi ocupado pelas forças hitleristas em 1944. Foi somente devido ao heroico avanço das tropas soviéticas e à ativa cooperação dos comunistas húngaros, de outras forças patrióticas e das amplas massas do povo com as tropas soviéticas, que a nação húngara reconquistou sua independência e liberdade. Pode o patriótico povo húngaro esquecer essa dolorosa lição, ainda fresca em sua memória? E possível olhar como patriotas os remanescentes da camarilha de Horthy, que trouxeram o desastre para o país e o povo? E possível, para defender a independência e a liberdade da Hungria, contar com os terroristas contra-revolucionários, que são anticomunistas e anti-soviéticos, que estão prontos para trair os trabalhadores húngaros, derrocar o sistema socialista na Hungria e conduzi-la para a destruição, como fazia Horthy? Todos os patriotas que podem julgar corretamente a situação reconhecem sem dificuldade que é somente uma Hungria socialista que pode defender sua independência e liberdade, preservar seus interesses nacionais e colocar a Hungria no caminho para um próspero, poderoso e feliz país. Mas uma Hungria contra-revolucionária tornar-se-ia um instrumento dos imperialistas ocidentais para a preparação de novas guerras agressivas, e repetiria as mesmas desastrosas consequências feitas pelo regime Horthy.

União contra o perigo fascista

Nos últimos onze anos, o povo húngaro estabeleceu bases do socialismo. A classe operária da Hungria eliminou o sistema capitalista de exploração e tornou-se a classe dirigente no Estado. O campesinato húngaro tomou a terra dos latifundiários e seguiu pelo caminho da agricultura coletiva. Os frutos obtidos pelo povo trabalhador da Hungria estão gravados na Constituição de 1949 da República Popular da Hungria. A Constituição estipula que a República Popular da Hungria destina-se a salvaguardar o poder político e a liberdade do povo trabalhador húngaro, sustentar a independência do país, lutar contra todas as formas de exploração e organizar as forças sociais para levar a cabo a construção socialista. O povo trabalhador da Hungria jamais deixará os frutos de sua luta serem colhidos facilmente pelos aventureiros contra-revolucionários, que têm sido derrotados e afugentados. Por conseguinte, a tarefa urgente com que se confrontam o povo trabalhador húngaro e todos os verdadeiros patriotas, neste momento, é se mobilizarem imediatamente, e, utilizando-se de todas as circunstâncias possíveis, unirem-se com todas as forças que podem ser unidas, e afastar sem perda de tempo o perigo da contra-revolução, salvar a causa do socialismo na Hungria e salvaguardar a independência e a liberdade do povo húngaro.

É absolutamente errôneo referir-se, como diversas pessoas têm feito, aos acontecimentos na Hungria e aos da Polónia nos mesmos termos. A Polónia manteve seu sistema socialista. Ela continua apoiando o tratado de Varsóvia e sua política de amizade com a União Soviética. Mas na Hungria, os contra-revolucionários tinham superioridades de o governo Nagy anunciou seu afastamento do tratado de Varsóvia. O Partido Operário Unificado da Polónia assinou numa declaração que "a força da reação que empurra a Hungria para o desastre encontra na Polónia decidida condenação". Todos os socialistas devem adotar tal atitude.

Apoio do campo democrático

O povo trabalhador húngaro não está isolado ou sem apoio em sua luta. Os trabalhadores dos países vizinhos da Hungria estão demonstrando profundo interesse pelo destino do povo húngaro e o futuro da causa socialista na Hungria. A opinião pública na União Soviética, Tchecoslováquia, Polónia e Iugoslávia aponta unanimemente o perigo da restauração contra-revolucionária na Hungria. Toda ela expressou seu apoio aos trabalhadores húngaros na sua luta para salvaguardar a causa socialista. O Comitê Executivo do Partido Comunista Italiano chamou particular atenção para a necessidade, no presente, do estacionamento de tropas soviéticas na Hungria, porque de outro modo a anarquia e o terror branco se sucederiam indubitavelmente. Assim a Hungria tornar-se-ia um centro de provocação contra a paz em toda a Europa.

Ao mesmo tempo que apoia o povo egípcio, o povo chinês está interessado de perto na luta do povo húngaro contra os que desejam restaurar a contra-revolução. A situação atual da Hungria recorda-nos a situação da China após a traição de 1927 de Chiang Kai-Shek e Wang Ching-Wei à revolução. Mas o povo húngaro hoje tem muito mais condições favoráveis que o povo chinês teve naquele tempo. Nós estamos convencidos que, apesar das sérias e temporárias dificuldades, o povo húngaro encontrará o caminho para lutar contra essas dificuldades e alcançará a vitória final."

PABLO NERUDA

NO RIO

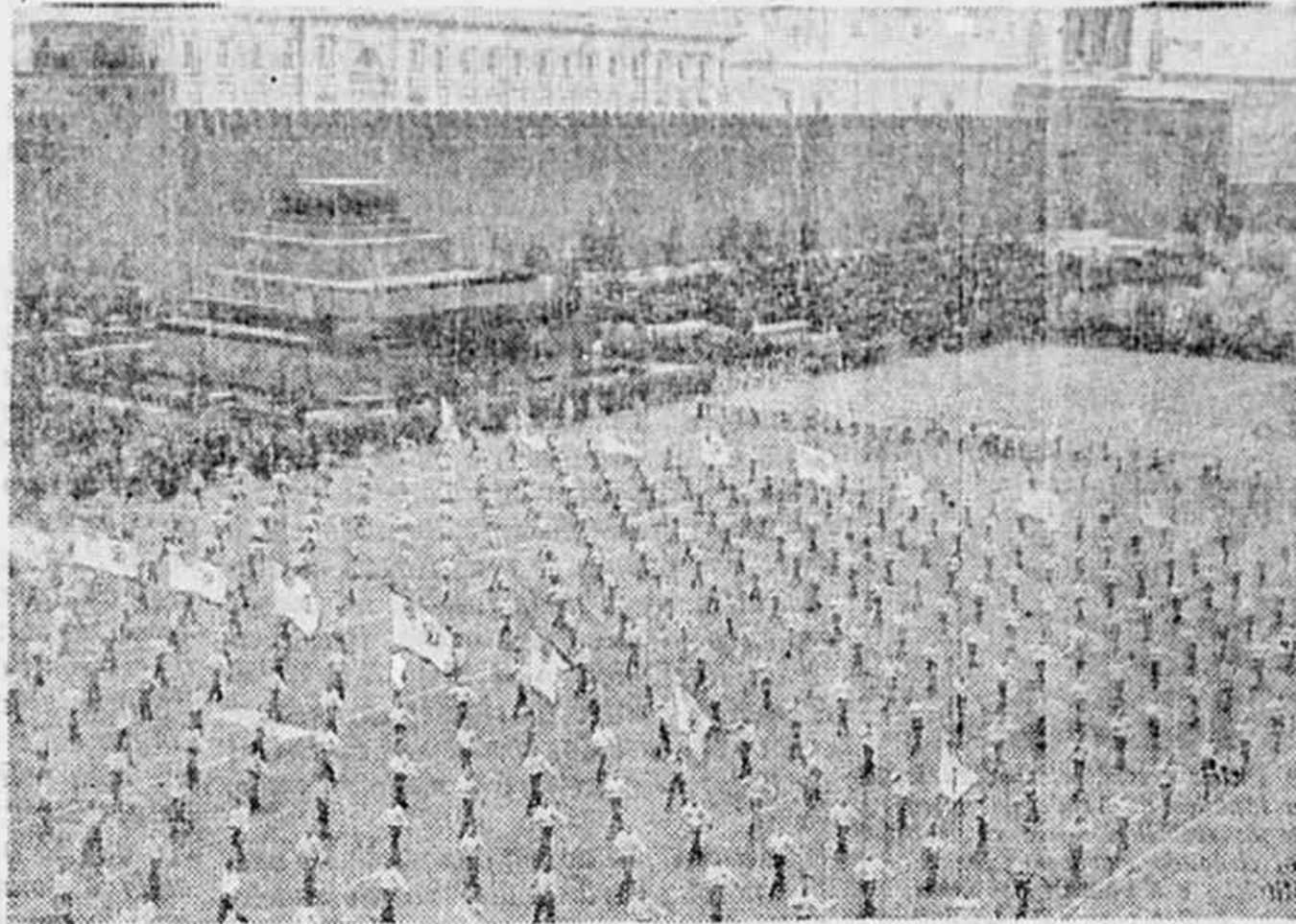
Desde segunda-feira encontra-se no Rio, Pablo Neruda, que nos visita em missão cultural. Neruda, durante sua permanência nesta capital, gravará em disco vários de seus famosos poemas e realizará conferências públicas.

Por diversas vezes o autor de "Canto General" tem estado no Brasil, onde é cada vez mais vasto o círculo de seus admiradores e amigos.

Sua presença entre nós é sempre motivo de entusiasmo nos meios culturais em face da grande mensagem poética e de solidariedade humana de sua obra e de sua personalidade de combatente pela liberdade e o progresso.

VOZ OPERÁRIA associou-se à calorosa recepção dos círculos culturais cariocas ao grande poeta das Américas.

DESFILE NA PRAÇA VERMELHA



O povo soviético celebrou com o entusiasmo e a alegria que assinalam suas grandes datas o 39º aniversário da grande revolução Socialista de Outubro. Em Moscou, na Praça Vermelha, desfilam em impecável formação os esportistas do Dinamo (TASS).



Prenuncio de Derrota Imperialista no Egito

A crise nas relações internacionais provocada pela agressão anglo-franco-israelense ao Egito confirmou plenamente alguns dos elementos que, de há alguns anos a essa parte, surgiam como elementos decisivos da evolução do mundo contemporâneo. Reafirmou-se a sanha conquistadora do imperialismo que pôs em prática os velhos métodos colonialistas, mas, por outro lado, revelou-se a plena possibilidade que têm as forças progressistas e pacíficas de barrar o caminho de grandes financistas em desespeço.

Embora do ponto de vista estritamente tático, o domínio de Porto Said e Porto Fuad possa ser apresentado como um êxito franco-britânico, na realidade, em nenhum instante o esforço defensivo egípcio demonstrou sinais de colapso, apesar de defrontar-se com forças poderosamente apetrechadas, apoiadas por vasta cobertura aérea e naval, em uma operação cuidadosamente planejada. A pretensão anglo-francesa de abrir rapidamente passagem para Iemalia e de pelo Sul, upoderar-se da boca de Suez sobre o Índico, fracassou. Os objetivos estratégicos — domínio de toda a zona do canal — não puderam ser cumpridos. Finalmente, as potências agressoras viram-se obrigadas a aceitar um cessar fogo, determinado por maioria na Assembleia Geral da ONU, recuando de sua posição anterior que era a de só aceitar a alçada das Nações Unidas após o pleno assentimento por suas tropas da importante via de comunicação.

A pressão desenvolvida em um plano mundial contra os agressores, inclusive, com vigor raro, na própria Inglaterra, isolou politicamente os agressores que não puderam contar nem mesmo com o apoio de seus sócios norte-americanos com os quais, aliás, não mantêm unidade de vistas sobre a questão do Oriente Médio e Próximo. Vimos, assim, ampliarem-se as fendas e rachaduras no sistema de alianças "ocidentais": além da discordância já assinalada entre Londres, Paris e Washington, abalou-se ainda mais a estrutura do Pacto de Bagdá (Paquistão e Iraque votaram contra a Inglaterra e o segundo passou a medidas militares no quadro das alianças árabes), abandonando também Eden e Mollet à sua própria sorte outros constantes aliados da Inglaterra e França.

Contrariamente a isso, agiram em uníssono as nações afro-asiáticas, os Estados socialistas da Europa e da Ásia e as organizações democráticas de todo o mundo. Na área do Oriente

Médio e Próximo, as nações árabes cumpriram fielmente os compromissos de seus pactos: o pacto de assistência mútua entre o Egito, a Arábia Saudita e a Síria entrou prontamente em vigor, na medida em que foi invocado pelo Egito: concentração de tropas nas fronteiras do Estado de Israel interrupção dos oleodutos ingleses etc.; a êsse movimento uniram-se desde o início a Jordânia e, posteriormente, o Iraque.

No apoio ao país agredido, desempenhou papel decisivo a União Soviética que amparou a atuação do bloco afro-asiático e de todas as potências favoráveis a sustar a agressão, e foi a única das grandes potências a prestar pleno apoio aos Estados árabes. A URSS, além de tomar medidas diplomáticas na ONU, reafirmou sua firme disposição de prestar o necessário auxílio ao país atacado, com suas forças armadas, no quadro das Nações Unidas, ou, se necessário atendendo ao pedido de voluntários, feito pelo Governo do Cairo. Em notas dirigidas aos governos da Inglaterra e da França, lembrou a URSS que a situação poderia mudar radicalmente se uma grande potência interviesse na questão, em defesa do país agredido. "Ainda que a União Soviética creia na coexistência pacífica, isso não significa que o povo soviético pense em contemplar passivamente o saque internacional, por parte das potências colonialistas", reafirmava a "Pravda" no dia 12 do corrente. O Governo soviético decidiu, também romper suas relações diplomáticas com o Estado de Israel e suspender os fornecimentos de petróleo que lhe vinha fazendo. Por seu lado, a China declarou sua disposição de fornecer voluntários, no caso de não cessarem os atos agressivos contra o Egito.

Premiada pelas consequências políticas de seu gesto e ameaçados de um desastre militar de vastas consequências, os imperialistas ingleses e franceses suspenderam o fogo, logo após a nota soviética e, posteriormente, dispuseram-se a proceder à retirada das tropas, sem as condições impositivas que vinham fazendo. Isso não significa, de nenhum modo, que o reinício do fogo ou o alastramento do conflito estejam afastados definitivamente. Mas os imperialistas podem ter, agora, a firme convicção de que seu caminho de aventuras será definitivamente barrado se insistirem em percorrê-lo. E esse agora, é o argumento mais convincente para conduzi-los ao bom senso.

PROVOCAÇÕES DA GUERRA FRIA PARA JUSTIFICAR O GOLPE E A TRAIÇÃO

**A «CARTA ABERTA» DE LACERDA AOS
GENERAIS — DEFESA DA AGRESSÃO
IMPERIALISTA E DO COLONIALISMO —
O ANTICOMUNISMO, UMA VEZ MAIS,
BANDEIRA DOS QUE PROCURAM EN-
TREGAR O PAÍS AOS MONOPÓLIOS
NORTE-AMERICANOS**

A base dos últimos acontecimentos internacionais, entreguistas e golpistas tentam reviver, em nosso país, as desmoralizadas «teses» da guerra fria, a fim de justificar uma política de reação interna e de concessões aos monopólios dos Estados Unidos. Neste sentido, já se esboça uma verdadeira ofensiva do entreguismo contra a orientação nacionalista e patriótica sustentada pela esmagadora maioria do povo e refletida, inclusive, em influentes setores do atual governo.

DEFESA DA AGRESSÃO E DO COLONIALISMO

Jornais como «O Globo», «Tribuna da Imprensa» e «Correio da Manhã» voltam uma vez mais, a agitar a ridícula afirmação de que a União Soviética vem procurando «o domínio do mundo», enquanto os E.E.U.U., a Inglaterra e a França chefiariam a resistência em favor «da liberdade e da independência dos povos». Assim, a monstruosa agressão anglo-francesa contra o Egito (furiosamente defendida pelo golpista Carlos Lacerda) está sendo agora apresentada, nas colunas daqueles jornais, como medida justa e necessária «para impedir o domínio soviético no Oriente Médio». O cinismo é inqualificável: os agressores colonialistas não alimentariam

propósitos agressivos e de colonização; tais propósitos seriam alimentados pelos países e povos que se levantam contra a agressão e prestam às nações agredidas ou ameaçadas em sua independência a ajuda necessária para repeler a agressão e manter a soberania nacional! Com semelhantes exercícios de misti-

O «DOMÍNIO SOVIÉTICO»

ficação a propaganda entreguista procura convencer certos círculos de opinião de que o que se faz no Brasil em favor de uma política de independência nacional e de paz, resulta num «jogo dos comunistas» para favorecer «a dominação soviética».

Neste sentido, o lanternairo Carlos Lacerda dirigiu, na semana passada, uma «carta aberta» aos generais. O famigerado senador Mc Carthy subscreveria cada parágrafo daquele amontoado de embustes.

Alegando que a União Soviética se lança «por todos os meios» ao «domínio do mundo», Lacerda pretende convencer os chefes militares que as medidas de caráter nacionalista e de defesa das franquias democráticas adotadas por alguns círculos governamentais resultam na «divisão do país e das forças

armadas», enfraquecem o que chama de «mundo livre» e cria as bases para a «dominação soviética na América Latina». As campanhas vitoriosas pela manutenção da lei e da ordem, por uma política atômica como a traçada a 30 de agosto pelo Conselho de Segurança Nacional ou a exigência de libertação de nosso comércio exterior do oneroso controle dos monopólios norte-americanos representam, segundo Lacerda, «a exploração de complexos de inferioridade» para a entrega do Brasil, «inerte», isto é, sem a «ajuda dos E.E.U.U.», ao «domínio da URSS».

Vê-se bem onde pretende chegar o chefe do Clube da Lanterna: para não «cair sob o domínio soviético» o Brasil deve transformar-se em colônia dos monopólios norte-americanos. Aliás não é por acaso que ele aponta com frequência (inclusive nesta mesma carta aos generais) o exemplo da Guatemala: o governo democrático de Arbenz, que lutou contra a espoliação do povo guatemalteco pelos monopólios ianques era «o domínio soviético» naquele país; o ditador Castillo Armas, que ensanguentou a Guatemala e a está vendendo aos trustes, é o «patriota». A mesma atitude tomou Lacerda em relação ao Egito, cuja política de independência nacional, contra o jugo anglo-americano é, também, a seu ver, «o domínio soviético».

INSTITUIÇÃO DO «MCCARTHYSMO»

Claro que tudo isto é apresentado pelo chefe lanternairo com a alegação de que «os comunistas já se encontram no Poder» no Brasil, pois comunistas, para ele, são todos os que defendem uma política de independência e emancipação nacional. Por isto, chega a propor um «método» de identificação e repressão dos «comunistas do governo», método que, afir-

ma, «não evitará se cometam injustiças», mas que limpará o aparelho do Estado de «comunistas». Assim, insinua uma onda de repressão policial e fascista contra os que defendam medidas concretas, também defendidas pelos comunistas, para o progresso nacional, pelo melhoramento do nível de vida do povo e pela democracia. Só escapariam os fascistas e entreguistas confessos no estilo do próprio Lacerda.

Mas tudo isto não é um simples delírio do porta-voz da provocação golpista. É, já atualmente, um esquema de ação, seguido, quase sem variações, em editoriais de «O Correio da Manhã» e do «O Globo», nas pregações messiânicas de Juarez Távora e nas intrigas de políticos da UDN.

Cada ato concreto do governo que salvasse os interesses nacionais e contrarie o dos trustes — como a manutenção da Petrobrás e a nova política atômica — é combatido por esses jornais e também pelo sr. Távora como «manobra dos comunistas» para favorecer «o domínio de Moscou». (Vejam-se o depoimento de Juarez na Comissão Parlamentar de Inquérito, seu discurso na televisão em São Paulo, os editoriais de «O Globo» e do «Correio da Manhã» sobre a política atômica e sobre a «crise de petróleo» que surgiria em consequência da obstrução do canal de Suez).

Semelhante atoarda tem, pelo menos, o mérito de esclarecer aqueles setores patrióticos ainda envenenados pela propaganda do anticomunismo sobre o sentido exato deste furor anticomunista. Trata-se, na verdade, de um biombo para o entreguismo mais descarado e estrangulamento das liberdades constitucionais.

João Goulart na homenagem a Lott : Unidade Para as Tarefas de Nossa Emancipação Nacional

«No Brasil a era dos golpes de mão e das conspirações palacianas está definitivamente encerrada. Ninguém irá ao poder senão pela soberana vontade do povo» — afirmou o vice-presidente João Goulart, falando por delegação dos trabalhadores, nas homenagens que o povo carioca prestou, a 12 do corrente, ao general Teixeira Lott e outros chefes do movimento de novembro.

Referindo-se ao 11 de novembro disse o sr. João Goulart: «Comemoramos aqui um desses episódios que significam, para nós, o encontro de nosso país com seu destino democrático. Dêle, por vontade de Deus, não ficou a marca do sangue brasileiro, mas o conteúdo de nossa maturidade política. Ele, de tão rápida duração, de tanta superficialidade aparente, trouxe no seu bôjo, entretanto, todo um processo de cristalização democrática, que vinha duramente sendo perseguido pelo povo brasileiro. Representou, de modo substancial, não só um passo à frente no amadurecimento de nossa mentalidade política, como um mergulho mais profundo na compreensão de nossos problemas».

O NACIONALISMO, TRAÇO COMUM

Depois de referir-se à união que se acelera entre as forças do povo e as forças armadas em defesa das franquias democráticas, prosseguiu o vice-presidente da República:

«Um traço mais fundo une nossos espíritos e identifica o entendimento entre as classes armadas e o povo em face dos problemas do Brasil de hoje: esse traço é o nacionalismo. Não o nacionalismo xenóforo e irracional, que levanta barreiras ao progresso e torna o país mais fraco, à força de temer a colaboração alheia; mas o nacionalismo esclarecido, pragmático, construtivo, que quer dar uma consciência à nação e que não consente em ver sair do nosso território o centro de decisão e orientação dos nossos próprios problemas. Um nacionalismo, enfim, que possa afirmar este país sem negar os demais, que não anestesie nossa sensibilidade ao entendimento compreensivo com todos os povos».

Advogando uma política de desenvolvimento econômico do país, afirmou o sr. Goulart:

«Sem desenvolvimento de nossa economia, sem ampliação de nossa produção e dos nossos mercados, não seremos senão nominalmente independentes, pois nossa economia será um reflexo apenas da economia dos países de que dependemos. Por isso temos consciência plena de que, a essa altura de nossa evolução, os problemas da produção, do equipamento do país, de investimento, devem gozar da prioridade que efetivamente estão gozando».

Entretanto, prosseguiu o sr. Goulart, «o enriquecimento do país exige melhor e mais justa distribuição da renda entre as classes que o compõem».

UNIDADE PARA AS TAREFAS DA EMANCIPAÇÃO

Concluindo, declarou o vice-presidente da República: «Consolidação de uma mentalidade comum para as tarefas de nossa emancipação; identidade com um mesmo traço de nacionalismo construtivo; comunhão de interesses morais no respeito à legalidade e à vontade das urnas. Eis aí a inteira significação do ato que aqui comemoramos».

George Meany Faz-se, no Brasil, Porta-Voz do Dpto. de Estado

OS chefes reacionários da A.F.L.-C.I.O. deixaram claro, em seus primeiros pronunciamentos públicos, o objetivo de sua viagem ao Brasil (chegaram ao Rio na última semana) e dos contatos que mantiveram com os meios sindicais brasileiros: visam arrastar os sindicatos do país a uma «união sagrada contra o comunismo», sob direção norte-americana e que serviria à política dos círculos agressivos dos Estados Unidos. Nada melhor para caracterizar a coincidência de seus pontos de vista com os do Departamento de Estado do que sua tentativa de envolver os dirigentes sindicais brasileiros em uma manifestação anti-soviética, a pretensão dos acontecimentos na Hungria, ao mesmo tempo em que tentavam impedir um pronunciamento contrário à agressão franco-britânica ao Egito.

As declarações, entrevistas e discursos dos chefes da A.F.L.-C.I.O., especialmente de seu presidente, George Meany — que repetem a desmoralizada linguagem da guerra fria — não colocam em primeiro plano os superiores interesses dos trabalhadores e do movimento sindical do continente, mas, ao contrário, visam realizar um esforço «para unir nossas forças numa causa comum contra a ameaça e a miséria que Moscou nos quer impor». Trabalhar por esta «união anti-comunista foi o que vieram fazer, principalmente, no Brasil, o sr. George Meany e seus comparsas.

Pode-se afirmar, porém, que os chefes da A.F.L.-C.I.O. não alcançarão êxito, em nossa terra, quanto a esse objetivo. Os trabalhadores brasileiros sabem que «a ameaça e a miséria» que sobre eles pesa não vem da União Soviética, país socialista onde os trabalhadores são donos de seu destino, mas precisamente dos imperialistas norte-americanos, em cujo nome fala o sr. George Meany. São os imperialistas norte-americanos, em cujo nome fala o sr. George Meany. São os imperialistas norte-americanos que não somente ameaçam mas exploram brutalmente operários brasileiros e procuram explorá-los ainda mais. Como poderá o sr. George Meany convencer do contrário a um trabalhador da Light, dos moinhos do Bung & Born ou das empresas da Bond & Share? Poderão os dirigentes da A.F.L.-C.I.O. convencer a um mineiro de Morro Velho que a União Soviética — e não os senhores ingleses das minas — ameaça explorá-los ou levá-los à miséria? Pensarão eles que podem desviar a luta desses operários contra seus verdadeiros exploradores, em nome de uma suspeita «união sagrada» anticomunista?

É certo que os trabalhadores e o movimento sindical brasileiro desejam a convivência fraternal e a amizade com os trabalhadores norte-americanos com suas poderosas organizações. Isso trará vantagens mútuas para a luta comum pela democracia, pela elevação de seu padrão de vida, pela paz mundial. Mas isso não pode confundir-se com uma espúria «união» de forças para servir de ponto de apoio à política agressiva anti-soviética dos círculos dirigentes dos Estados Unidos.

Queriam Mergulhar o País na Guerra Civil

Agradecendo a grande homenagem popular que lhe foi prestada, no dia 12, por motivo do primeiro aniversário do movimento de 11 de novembro, o general Teixeira Lott afirmou que as forças armadas «sempre se consideraram servidoras do povo brasileiro» — e nestas condições é que empreenderam o vitorioso movimento pela legalidade democrática. «Esta generosa e magnífica homenagem — disse o Ministro da Guerra — só a podemos receber como depositários, pois dignos dela e de vossos aplausos, haveis de conosco convir, são o Exército e as Forças Armadas do Brasil...»

QUERIAM A GUERRA CIVIL

O general Teixeira Lott referiu-se ao Art. 1.º da Constituição: «Todo Poder emana do Povo e em seu nome será exercido», afirmando que este é o preceito fundamental a que todos devem submeter-se. Denunciou, então, «uma minoria audaciosa e presumida», que se arroga

INCISIVO PRONUNCIAMENTO DO GENERAL TEIXEIRA LOTT AGRADECENDO A GRANDE HOMENAGEM POPULAR AOS CHEFES DO MOVIMENTO DE NOVEMBRO

«um mandato que o Povo jamais lhe confiara» e que procura, por qualquer meio, assenhorear-se do Poder.

Depois de relatar a conspiração golpista desbaratada a 11 de novembro, o Ministro da Guerra afirmou:

«Jam esses inconformados conduziram-nos, certamente, à guerra civil. Foi para evitar tal catástrofe que nos decidimos a agir em 11 de novembro de 1955 e, mercê de Deus, foi possível às nossas Forças Armadas, sem derramar o generoso sangue brasileiro, assegurar a posse dos eleitos e a sobrevivência das instituições democráticas em nossa amada Pátria».

A FRENTE DE NOVEMBRO

O general Lott denunciou a campanha de intriga dos salvados do golpismo, que acusam os chefes do movimento de novembro de «preparar a subversão do regi-

me para, apoiados pelas massas trabalhadoras e pelos comunistas, instalar a ditadura proletária no Brasil».

CAMALEÕES POLÍTICOS

Em tom de conselho, disse o general Lott que os inconformados com os resultados das urnas «ao invés de se agruparem em torno de homens de prol de nossas Forças Armadas e de conduzi-los a sucessivas derrotas nos prêmios eleitorais, de procederem, no campo ideológico, como camaleões políticos que um dia são ultra-liberais na solução do problema do petróleo, para logo após, se tornarem ultra-monopolistas, que hoje defendem ardentemente o presidencialismo, para em seguida se arvorarem em paladinos do parlamentarismo, que numa ocasião defendem a manutenção de legalidade do Partido Comunista, para pouco depois, passarem a ser seus mais ferrenhos adversários», se congreguem em torno de um programa, seja lá qual for, para participar honoravelmente da vida democrática.

«Julgando talvez a oitrem por si mesmos, não podem esses inconformados compreender que possa haver quem se interesse pela sorte

Sobre a Experiência Histórica da Ditadura do Proletariado

N. De R. — Em nossa edição de 21 de abril deste ano, editamos o editorial acima do «*Jemijipao*», de Pequim, órgão do Comitê Central do P. C. Chinês. Verificamos, entretanto, posteriormente, que não se tratava da íntegra desse documento. Esta a razão por que, a par de sua importância teórica, excepcionalmente o reeditamos agora.

«O XX Congresso do PCUS, sintetizando as novas experiências das relações internacionais e da construção interna, tomou uma série de decisões importantes sobre a firme aplicação da política leninista sobre a possibilidade de coexistência pacífica entre os países com diversos sistemas sociais, sobre o desenvolvimento da democracia soviética, a plena observância do princípio de direção coletiva no Partido, sobre a crítica das deficiências no Partido, sobre o VI Plano Quinquenal para o desenvolvimento da economia nacional. A questão da luta contra o culto à personalidade ocupou um lugar importante nas discussões do XX Congresso. O Congresso revelou com toda a franqueza a difusão atingida pelo culto à personalidade, fenômeno que acarretou durante longo tempo muitos erros e más conseqüências na vida soviética. Esta crítica audaz que o PCUS fez a respeito dos erros cometidos, demonstra o alto nível de princípios na vida interna do Partido e a grande vitalidade do marxismo-leninismo.

No decorrer da história, assim como em todos os países capitalistas atuais, nenhum partido ou grupo político dominante a serviço das classes exploradoras ousou jamais revelar seus graves erros, conscientemente, ante seus membros e as massas populares. Mas as coisas ocorrem de modo inteiramente diverso com os partidos da classe operária. Os partidos da classe operária servem às amplas massas populares. Com a autocritica, estes partidos nada perdem e não ser seus erros e ganham o apoio das amplas massas do povo.

Há mais de um mês, os reacionários de todo o mundo falam com alegria maligna sobre a autocritica do PCUS a respeito do culto à personalidade. Eles dizem: vejam só! O PCUS, o primeiro que estabeleceu um regime socialista, cometeu terríveis erros e além disto estes erros foram cometidos por um chefe tão conhecido e glorificado como Stálin! Os reacionários pensam que obtiveram um bom pretexto para caluniar os PP.CC. da União Soviética e de outros países. Mas eles não conseguiram nada com seus esforços. Algum marxista destacado já escreveu que nós não podíamos cometer erros ou que é absolutamente impossível para um comunista cometer erros? Não é precisamente porque nós, marxistas-leninistas, negamos a existência de um «semi-Deus» que nunca comete erros grandes ou pequenos, que usamos a crítica e a autocritica na vida interna do Partido? Além do mais, como é possível que um estado socialista, que foi o primeiro no mundo a realizar a ditadura do proletariado e não se beneficiou de nenhum precedente, não cometa erros de uma ou de outra espécie?

Lênin disse em outubro de 1921:

«Que os cães e os porcos da burguesia moribunda e os democratas pequeno-burgueses que rastejam atrás dela acumulem maldições, insultos e ironias sobre as nossas cabeças devido a nossos reveses e erros no trabalho de construção de nosso sistema soviético. Nós não esquecemos por um momento sequer que temos cometido e estamos cometendo numerosos erros e sofrendo inúmeros reveses. Seria possível evitar reveses e erros numa tarefa tão nova na história do mundo como é a construção de um regime estatal sem precedentes? Lutaremos persistentemente para corrigir nossos reveses e erros e para melhorar a aplicação prática dos princípios soviéticos, que está muito, muito longe de ser perfeita.»

É também inconcebível que alguns erros cometidos antes devam impedir para sempre a possibilidade de cometer outros erros depois ou de repetir os erros passados em um grau maior ou menor. A sociedade humana, desde a sua divisão em classes com interesses antagonísticos, passou por milhares de anos de ditaduras — as ditaduras dos senhores de escravos, dos senhores feudais e da burguesia. Mas foi somente com a vitória da Revolução de Outubro que a humanidade começou a ver a ditadura do proletariado em ação. As primeiras três formas de ditadura eram ditaduras das classes exploradoras, embora a ditadura dos senhores feudais fosse mais progressista que a dos senhores de escravos, e a da burguesia, mais progressista que a dos senhores feudais. Estas classes exploradoras, que outrora desempenharam um certo papel progressista na história do desenvolvimento social, acumularam sempre experiência de governo cometendo inúmeros erros de alcance histórico, durante longos períodos, e repetindo estes erros freqüentemente. No entanto, com o aguçamento da contradição entre as relações de produção que elas representavam e as forças produtivas da sociedade, elas cometiam inevitavelmente erros cada vez maiores, precipitando uma revolta em massa das classes oprimidas e a desintegração dentro de suas próprias fileiras, provocando assim a sua destruição. A ditadura do proletariado é fundamentalmente diferente, em sua essência, de qualquer dos tipos anteriores de ditadura, que eram ditaduras das classes exploradoras. A ditadura do proletariado é uma ditadura das classes exploradas, uma ditadura da maioria sobre a minoria, uma ditadura com o objetivo de criar uma sociedade socialista na qual não há exploração e pobreza. É a mais progressista e a última ditadura na história da humanidade. Mas, como esta ditadura enfrenta as tarefas maiores e mais difíceis e a luta mais complexa e árdua da história, é natural que surjam muitos erros em sua realização, como advertiu Lênin. Se alguns comunistas caem na auto-satisfação e na auto-complacência e adquirem uma maneira rígida de pensar, podem mesmo repetir seus próprios erros ou os erros dos outros. Nós, comunistas, devemos ter isto sempre em conta. Para derrotar inimigos poderosos, a ditadura do proletariado exige um alto grau de centralização do poder. Este poder altamente centralizado deve ser combinado com uma centralização, podem ser cometidos muitos erros. Isto é perfeitamente compreensível. Mas, sejam quais forem os erros, alto nível de democracia. Quando se acentua em excesso a ditadura do proletariado é sempre, para as massas popula-

res, muito superior a todas as ditaduras das classes exploradoras, à ditadura da burguesia. Lênin estava certo quando disse: «Se nossos inimigos nos acusam, dizendo que o próprio Lênin admite que os bolcheviques cometeram uma porção de tolices, quero responder-lhes dizendo: sim, mas sabem que as tolices que nós cometemos são inteiramente diferentes das que vocês cometeram?» Com o objetivo de pilhagem, as classes exploradoras sempre quiseram perpetuar sua ditadura, geração após geração, e por isso recorreram a todos os meios possíveis para oprimir o povo. Seus erros são irremediáveis. Ao contrário, o proletariado, que luta pela emancipação material e espiritual do povo, utiliza sua ditadura para realizar o comunismo, para estabelecer a harmonia e a igualdade entre os homens e faz com que sua ditadura se extinga gradualmente. É por isto que ele faz o máximo para pôr em plena ação a iniciativa e o papel positivo das massas. O fato de que, sob a ditadura do proletariado é possível pôr em ação, de maneira ilimitada, a iniciativa e o papel positivo das massas, também torna possível corrigir todos os erros cometidos durante a ditadura do proletariado.

Os dirigentes dos PP.CC. e dos Estados socialistas, em vários terrenos, devem fazer o máximo para diminuir os erros, para evitar erros sérios, devem esforçar-se para extrair lições de erros isolados, locais e temporários e fazer todo o esforço para impedir que eles se transformem em erros de natureza duradoura ou em escala nacional. Para isto cada dirigente deve ser o mais prudente e modesto, conservar-se ligado às massas, consultá-las sobre todas as questões, investigar e estudar sempre a situação real, e empreender constantemente a crítica e a autocritica adequadas e correspondentes à situação. Foi precisamente por deixar de fazer assim que Stálin, como o principal dirigente do Partido e do Estado, cometeu certos erros sérios nos últimos anos de seu trabalho. Ele se tornou vaidoso e imprudente. O subjetivismo e o unilateralismo desenvolveram-se em seu pensamento e ele tomou decisões errôneas sobre certas questões importantes, às quais levaram a sérias conseqüências.

Com a vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro, o povo e o P.C. da União Soviética, sob a direção de Lênin, estabeleceram o primeiro Estado socialista na sexta parte da terra. A União Soviética realizou rapidamente a industrialização e a coletivização da agricultura, desenvolveu a ciência e a cultura socialista, estabeleceu uma união sólida de muitas nacionalidades sob a forma da União Soviética, e as antigas nacionalidades atrasadas tornaram-se na União Soviética nacionalidades socialistas. Durante a 2ª guerra mundial, a União Soviética foi a força principal que derrotou o fascismo e salvou a civilização européia. Ela também ajudou os povos do Oriente a derrotar o militarismo japonês. Todos estes êxitos gloriosos indicaram à humanidade seu brilhante futuro — o socialismo e o comunismo, abalaram seriamente o domínio do imperialismo e tornaram a União Soviética o primeiro e firme baluarte da luta mundial por uma paz duradoura. A União Soviética estimulou e apoiou todos os outros países socialistas em sua construção, e inspirou o movimento socialista mundial, o movimento anticolonialista e todos os outros movimentos pelo progresso da humanidade. Estes são os grandes êxitos conquistados pelo povo e pelo PCUS na história da humanidade. O homem que apontou ao povo soviético e ao Partido Comunista o caminho para estes grandes êxitos foi Lênin. Na luta para realizar os princípios leninistas o Comitê Central do PCUS, por sua firme direção, alcançou grande mérito, e neste mérito uma parte destacada coube a Stálin.

Depois da morte de Lênin, Stálin como o principal dirigente do Partido e do Estado, aplicou e desenvolveu de modo criador o marxismo-leninismo. Na luta para defender o legado de Lênin e contra os inimigos do leninismo — os trotskistas, zinovievistas e outros agentes burgueses — Stálin expressou a vontade e as aspirações do povo e provou ser um destacado combatente marxista-leninista. Stálin ganhou o apoio do povo soviético e desempenhou um papel importante na história, sobretudo porque, junto com os outros dirigentes do PCUS, defendeu a linha leninista sobre a industrialização do Estado soviético e a coletivização da agricultura. O PCUS, realizando esta linha, conseguiu o triunfo do socialismo na União Soviética e criou as condições para a vitória da União Soviética na guerra contra Hitler. Estas vitórias do povo soviético correspondiam aos interesses da classe operária e de toda a humanidade progressista. Por isso era natural que o nome de Stálin se tornasse glorificado em todo mundo. Mas, tendo conquistado tal glória entre os povos, tanto em seu país como no exterior, pela aplicação correta da linha leninista, Stálin exagerou erroneamente seu próprio papel e contrapôs sua autoridade individual à direção coletiva. Como resultado, algumas de suas ações se opuseram a certos conceitos marxistas-leninistas fundamentais que ele próprio tinha difundido. Por um lado, reconhecia-se que são as massas que fazem a história, que o Partido deve manter-se em constante contato com o povo e que a democracia interna, a autocritica e a crítica de baixo devem ser desenvolvidas. Por outro lado, o culto à personalidade era aceito e alimentado e prevalecia a arbitrariedade de uma só pessoa. Deste modo Stálin encontrou-se em posição contraditória, nessa questão, durante a última parte de sua vida, surgindo uma divergência entre sua teoria e sua prática.

Os marxistas-leninistas consideram que os dirigentes desempenham um grande papel na história. O povo e seus partidos necessitam dirigentes que são capazes de representar os interesses e a vontade dos povos, de colocar-se à frente de suas lutas históricas e de servir como seus líderes. É completamente errôneo negar o papel do indivíduo, o papel dos dirigentes e líderes.

Mas, quando qualquer líder do Partido ou do Estado se coloca acima do Partido e das massas, em lugar de colocar-se entre elas, quando ele se afasta das massas, deixa de ter uma visão completa e penetrante dos assuntos do Estado. Na medida em que isto ocorreu, mesmo uma personalidade tão destacada como Stálin não podia evitar decisões errôneas e fora da realidade em algumas questões importantes. Stálin deixou de extrair lições de erros isolados locais e temporários sobre certas questões e assim não pôde impedir que eles se tornassem erros sérios, de natureza duradoura e em escala nacional. Durante a última parte de sua vida, Stálin

comprazia-se cada vez mais em estimular o culto à personalidade e violava o sistema partidário do centralismo democrático e o princípio de combinar a direção coletiva com a responsabilidade individual. Como resultado disso, ele cometeu alguns erros graves, tais como: ampliou excessivamente o campo de combate à contra-revolução; faltou-lhe a necessária vigilância às vésperas da guerra antifascista; deixou de dar a atenção adequada ao desenvolvimento da agricultura e do bem-estar material das massas camponesas; deu algumas opiniões erradas sobre o movimento comunista internacional e, em particular, tomou uma decisão errada sobre a questão da Jugoslávia. Nestas questões, Stálin caiu no subjetivismo e no unilateralismo e divorciou-se da realidade objetiva e das massas.

O culto à personalidade é um resíduo pódre da longa história da humanidade. O culto à personalidade está enraizado não somente nas classes exploradoras, mas também nos pequenos produtores. Como se sabe o paternalismo é um produto da economia do pequeno produtor. Depois do estabelecimento da ditadura do proletariado, mesmo depois de eliminadas as classes exploradoras, quando a economia dos pequenos produtores é substituída por uma economia coletiva e está fundada a sociedade socialista, certas sobrevivências ideológicas podres e venenosas da velha sociedade podem ainda permanecer no espírito do povo por um tempo muito longo. «A força do hábito de milhões e dezenas de milhões é a força mais terrível (Lênin). O culto à personalidade é justamente uma tal força do hábito de milhões e dezenas de milhões. Uma vez que esta força do hábito ainda existe na sociedade, ela pode influenciar muitos funcionários do governo e, mesmo um dirigente como Stálin, foi afetado por ela. O culto à personalidade é um reflexo na cabeça do homem de um fenômeno social. E quando dirigentes do Partido e do Estado tais como Stálin sucumbem à influência desta ideologia atrasada, eles por sua vez influenciam a sociedade trazendo prejuízos para a causa e dificultando a iniciativa e a capacidade criadora das massas do povo.

As forças produtivas da sociedade, o sistema econômico e político do socialismo e a vida partidária, na medida que se desenvolvem, entram em contradição e choque cada vez maior com o estado de espírito do culto à personalidade. A luta contra o culto à personalidade, lançada pelo XX Congresso é uma grande e corajosa luta dos comunistas e do povo soviético para remover os obstáculos ideológicos que se antepõem ao seu avanço.

Algumas idéias ingênuas parecem sugerir que não há mais contradições numa sociedade socialista. Negar a existência de contradições é negar a dialética. As contradições nas diversas sociedades diferem em caráter como também nas formas de sua solução, mas a sociedade em todos os tempos se desenvolve através de contínuas contradições. A sociedade socialista também se desenvolve através de contradições entre as forças produtivas e as relações de produção. Numa sociedade socialista ou comunista, inevitavelmente continuam a ocorrer inovações técnicas e melhoramentos no sistema social; de outro modo o desenvolvimento da sociedade estagnaria e a sociedade não poderia mais avançar. A humanidade ainda está em sua juventude. O caminho que ela ainda tem a trilhar será não se sabe quanto tempo maior do que o caminho já percorrido. As contradições como por exemplo entre o progresso e o conservadorismo, entre o avançado e o atrasado, entre o positivo e o negativo, ocorrerão constantemente em várias condições e em diferentes circunstâncias. As coisas continuarão deste modo: uma contradição levará a outra; e quando as velhas contradições estiverem resolvidas, novas contradições surgirão. É evidentemente incorreto assegurar, como algumas pessoas, que a contradição entre o idealismo e o materialismo pode ser eliminada numa sociedade socialista ou comunista. Enquanto existirem contradições entre o subjetivo e o objetivo, entre o avançado e o atrasado e entre as forças produtivas e as relações de produção, a contradição entre o materialismo e o idealismo continuará numa sociedade socialista ou comunista e se manifestará por várias formas. Uma vez que o homem vive em sociedade ele reflete, em diferentes circunstâncias e em vários graus, as contradições existentes em cada forma de sociedade. Por isso, nem todos serão perfeitos, mesmo quando for estabelecida uma sociedade comunista. Mesmo então ainda haverá contradições entre as pessoas, e haverá ainda pessoas boas e más, pessoas cujo pensamento é relativamente correto e outras cujo pensamento é relativamente incorreto. Por isso haverá ainda luta entre as pessoas, embora a natureza e a forma desta luta sejam diferentes da luta nas sociedades de classe. Deste ponto de vista, a existência de contradições entre o individual e o coletivo numa sociedade socialista não é nada estranha. E se algum líder do Partido ou do Estado se isola da direção coletiva, das massas populares e da vida real, cairá inevitavelmente em maneiras de pensar rígidas e, conseqüentemente, cometerá graves erros. O que devemos evitar é que algumas pessoas, porque o Partido e o Estado conseguiram muitos êxitos no trabalho e ganharam uma grande confiança das massas, possam aproveitar esta confiança para abusar da autoridade e assim cair em erro.

O Partido Comunista da China congratula-se com o PCUS por suas grandes realizações em sua luta histórica contra o culto à personalidade. A experiência da Revolução Chinesa também testemunha que é somente confiando na sabedoria das massas do povo, no centralismo democrático e no sistema da combinação da direção coletiva com a responsabilidade individual que o nosso Partido pode obter grandes vitórias e realizar grandes coisas em período de revolução e no período de construção nacional. O Partido Comunista da China tem lutado constantemente nas suas fileiras revolucionárias contra a exaltação da pessoa e contra o heroísmo individualista, porque ambos significam isolamento das massas. Indubitavelmente estas coisas ainda persistirão por muito tempo. Mesmo quando superadas, elas ressurgem. Elas ocorrem às vezes com uma pessoa, às vezes com outra. Quando se dá atenção ao papel do indivíduo, subestima-se o papel das massas e o coletivo. Eis porque algumas pessoas facilmente caem no erro da presunção ou da fé cega em si mesmas ou ainda na c. Jorção cega de outras. Devemos, por conseguinte, dar uma atenção incansável ao combate à exaltação da pessoa, ao heroísmo individualista e ao culto à personalidade.

UMA DISCUSSÃO QUE REFLITA OS PROBLEMAS ATUAIS

Como Organizar os Artistas Plásticos?

ARYDIO CUNHA

NO BRASIL, onde as artes plásticas não atingiram, ainda, o pleno florescimento, tem os artistas plásticos a nobre responsabilidade de criar uma arte nacional, desenvolvendo nossas melhores tradições artísticas. Não há dúvida de que eles geralmente tem sabido enfrentar essa responsabilidade, apesar das condições difíceis — e muitas vezes hostis ao desenvolvimento da cultura — em que trabalham.

Os artistas plásticos, das mais diversas tendências, são profundamente interessados em que se crie uma situação de bem-estar e florescimento material para o povo, o que lhes proporcionará, também, condições melhores e mais tranqüilas para aperfeiçoar sua arte. Eles em geral contribuem, com seu talento e sua obra, para esse objetivo. Em outros países com um índice de analfabetismo semelhante ao nosso, as forças sociais empenhadas no soerguimento político e econômico nacional sempre contaram com um auxílio valioso nas artes plásticas, tal a força de penetração que elas possuem. Assim é o Brasil.

É, por tudo isso, devem os artistas plásticos ser objeto de maior consideração e atenção, no que se refere aos seus problemas econômico-culturais específicos. Os artistas comunistas têm o dever de empenharem-se pelo maior conagração de todos os artistas, para a discussão e a solução de problemas prementes, como a facilidade de importação e a venda, a preços acessíveis, de material e livros de arte; a oportunidade de trabalho aos artistas jovens; a formação de ateliers coletivos; maior número de salas para exposições; criação de novos museus, inclusive um de reproduções (já que as artes gráficas possibilitam reproduções de obras de arte que quase substituem os originais) e ampliação dos museus existentes, imprimindo-lhes um caráter educacional, para que não venham a transformar-se em depósitos de velharia, etc.

Estas considerações vêm a propósito da necessidade, sentida por muitos entre nós, de serem encontradas formas de organização adequadas à mais completa integração dos artistas comunistas no movimento dos plásticos pela criação de uma arte nacional de elevada qualidade, e pela solução de seus diversos problemas. Não creio que a forma pela qual temos sido organizados nos ajude a conseguir esse objetivo. Ao contrário, essa forma de organização prejudica nossa formação artístico-profissional, porque nos afasta dos ateliers e entrava — melhor diríamos: impede — uma vinculação maior dos artistas comunistas aos problemas dos plásticos. Creio que isso é uma demonstração clara do desprezo que ainda há no Partido, na prática (apesar das belas palavras que às vezes se ouvem) pela arte e a cultura.

As coisas se agravaram particularmente após o IV Congresso. Nessa ocasião foi extinto o setor dos plásticos e estes foram convidados a ingressarem, na forma dos Estatutos, nas organizações de bairro ou empresa. A maioria, porém, não aceitou de bom grado essa orientação, considerando que as tarefas normais das organizações de bairro ou empresa eram absolutamente estranhas aos seus problemas e tarefas específicos. Foi assim que, de acordo com o artigo VII, § 40, dos Estatutos do Partido, os artistas plásticos foram "transferidos", na prática, à categoria de simpatizantes, passando a ser alvo de qualificativos tais como "oportunistas" e outros semelhantes, quando se recusavam a trocar o pincel por uma brocha de pixar paredes...

Mas isso não é tudo. Considerando suas relações com os colecionadores de obras de arte, grande número de plásticos foi integrado em comissões de finanças, com a tarefa "específica" de conseguir dinheiro através de visitas e do comércio de quadros, cujo valor

era medido exclusivamente em cruzeiros. Tornase necessário dizer que isso contribuiu para afastar ainda mais os artistas plásticos comunistas do meio em que trabalham e vivem. As tarefas miúdas (sempre visando o levantamento de fundos), as visitas a possíveis contribuintes, os esforços para a "cobertura" de elevadas quotas financeiras — algumas vezes justificadas ante os camaradas que deviam realizá-las em meio a conceitos depreciativos de sua condição de artistas e de sua arte — faziam com que o artista encontrasse no Partido um ambiente completamente alheio ao seu trabalho artístico. E isto levava o artista a um dos dois caminhos: afastar-se do trabalho constante pelo aperfeiçoamento de sua arte ou afastar-se do trabalho partidário, que lhe criava um enorme entrave à realização de uma tarefa que somente ele pode realizar, qual seja a de criar, e aperfeiçoar sempre uma arte para o povo. Será necessário insistir em que essa política financeira, desvinculada de uma atividade político-cultural, é profundamente errônea? Talvez, o seja. São incontáveis as vezes que temos feito críticas dessa natureza e nossas críticas sempre se chocaram com um muro de incompreensão e auto-suficiência.

Poderíamos citar um outro exemplo que ilustra o desprezo pelo trabalho de nossos companheiros artistas. Refiro-me à ilustração para os jornais. A ilustração, quando bem utilizada, é uma grande arma de combate. Mas nem sempre é bem utilizada. A premência de tempo com que são encomendadas as ilustrações, força o ilustrador a um trabalho às pressas, criando vícios e defeitos difíceis de serem corrigidos. A velada imposição do gosto (muitas vezes duvidoso) do diretor ou secretário do jornal, gosto em geral fotográfico e comercial, deforma a personalidade do artista ou concorre para sua anulação. Há casos em que o ilustrador trabalha tendo ao lado o diretor a impor-lhe formas e "estilos". Conheci um diretor de jornal nosso que, certa vez, ao receber de um ilustrador um desenho, declarou, do alto de sua (com perdão da palavra) auto-suficiência:

— Este garoto não está suficientemente magro. Emagreça-o.

Esta é a mentalidade que, em geral, encontramos no Partido. A meu ver, o principal dever do artista comunista é o de todo artista: cuidar de sua arte, aperfeiçoá-la. E o principal dever do Partido, em relação ao artista, é ajudá-lo a ser um artista cada vez melhor, cada vez mais integrado nas aspirações progressistas de seu povo, sem, contudo, pretender impor-lhe normas e "estilos" que, não raro, têm tanto a ver com a verdadeira arte quanto um quadro a óleo tem a ver com uma inscrição a pize em um muro qualquer. Os comunistas estão no dever de estimular e ajudar a formação de profissionais sérios, artistas capazes de realizações integrais, que o país reclama. A falta de estímulo a um trabalho continuado tem-nos levado à improvisação, que adquire, com o tempo, foros de tendência artística e como tal é prestigiada, conduzindo à confusão e à implantação do charlatanismo artístico, de conseqüências desastrosas.

Com a atual discussão dos temas do XX Congresso do P.C.U.S., e a perspectiva — que devemos transformar em realidade — de mudanças nas formas arcaicas e injustas de trabalho e de organização, surge a necessidade de discussão responsável dos problemas relacionados com a arte e o trabalho do artista. Nossos artistas — desde os mais renomados aos mais jovens — têm a responsabilidade de contribuir para essa discussão que, sem a participação deles, não poderá chegar a bom termo.

O Partido — um Organismo Vivo e Atuante Dentro da Realidade

NELSON REZENDE

JÁ não é possível a ninguém, sem dar mostra de insensatez, negar a necessidade, a importância e a repercussão dos debates que hoje se travam no movimento comunista mundial. E esses debates, por sua vez, já não podem ser circunscritos a alguns temas isolados. Essa é uma exigência da própria vida, dos acontecimentos que se sucedem. Tudo ou quase tudo, hoje em dia, tem que passar pelo cadinho da discussão, do estudo científico e da comprovação, pois muita coisa tem que ser rejeitada e outro tanto tem que ser regenerado modificado ou desenvolvido.

Em face disso, não é de estranhar que se manifeste, entre os que nos acompanham e mesmo entre militantes comunistas, um sentimento de descrença e de desencanto. «Foi tudo por águas abaixo. Em quem acreditar agora?» De manifestações desse tipo naturalmente se aproveitam os corifeus da reação e os apologistas da «eternidade» do capitalismo para exclamarem: «Bem que dizíamos, o marxismo acabou por ser refutado. O socialismo está em derrocada.» Esses homens do passado, delirantes em sua eurofia, afirmam ter conquistado um tanto valioso. Não há que ocultar que tais sentimentos ou manifestações têm um efeito negativo sobre a atividade do Partido e as lutas do povo e que, portanto, devem merecer o nosso combate. Mas não com palavras e muito menos com «chavões», e sim à base de uma análise realmente científica da situação que atualmente atravessa o movimento comunista e de uma atividade prática simultânea que reflita a correção dos erros e o abandono dos pontos de vista absolutos e rejeitados pela vida. Cabe a cada um de nós esforçar-se por dar a sua contribuição nesse sentido. Entretanto, por nociva que seja essa tendência para o desenvolvimento da luta revolucionária, ela não é a mais ameaçadora. E tem, pelo menos, um mérito, de alertar-nos, chamar-nos aos fatos, a realidade, romper com a nossa presunção, pôr em xeque a nossa autosuficiência, despir-nos da crosta subjetiva e apresentar-nos na luta tal como somos indiretamente provoca modificações e, no final das contas, contribui à luta contra o que é velho e à vitória do que é novo.

Mais perigosa, embora se apresente como «revolucionária», é a tendência a encerrar os atuais acontecimen-

tos como fatos rotineiros, como pequenos erros ou reverses. É a tendência a encobrir os fatos e não os revelar em sua nudez. É a mais perigosa, exatamente porque não nos conduz ao rompimento radical com os erros e poderia, na melhor das hipóteses, nos levar a meias soluções, que talvez importassem em êxitos imediatos, mas nunca duradouros. Não é outro o objetivo dos que, nesse debate, aconselham toda sorte de precauções para que as discussões não rompam as comportas e advertem mansosamente contra os perigos dos «ismos» e outras coisas mais.

O próprio Projeto de Resolução, que possui inegavelmente um alto valor positivo porque não fecha as portas à discussão, não estimula, contudo, pelo fato de omitir muitas questões importantes e de passar superficialmente por muitas outras, o debate amplo e aprofundado de nossa atividade. Salutar não são também a omissão e a completa indiferença, frente ao debate na imprensa, dos dirigentes mais responsáveis do Partido, quando sua participação pessoal se faz necessária, não apenas porque são, como dizem, os principais responsáveis pelos erros, como porque estão, fora de dúvida, entre os que mais experiências possuem do movimento revolucionário em nosso país.

A cautela e o temor no reconhecimento dos erros não é posição marxista e não ajuda a elaboração científica. Lênin, em momentos de real gravidade para a causa revolucionária, agia de outra maneira. Por ocasião da paz de Brest, em que perigava a sobrevivência do jovem estado soviético, dizia: «Não escaparemos da realidade terrivelmente amarga e lamentável com simples frases» (Lênin. Informe sobre a guerra e a paz). Analizando o período em que se fez necessária a implantação da NEP, afirmava: «O principal consiste nisto: é necessário saber olhar serenamente os erros cometidos e reconstruir tudo desde o começo. Se é necessário refazer tudo desde o princípio, não duas, mas até muitas vezes, isto demonstrará que sem preconceitos, com olhar sereno, abordamos nossa tarefa, a mais grandiosa do mundo». E ainda: «A dificuldade existe em que nós não queremos reconhecer a desagradável verdade que se nos impõe e não queremos cair na desagradável situação em que é necessário cair: começar a estudar tudo desde o princípio» (Lênin. Informe ao XI Congresso).

Lênin nos ensinava a persistência na procura da verdade e, às vezes, o abandono

no completo e sem preconceitos dos caminhos que eram seguidos. Quanto nos encontramos em um bico sem saída, o remédio não é outro senão começar tudo de novo. Uma posição contrária a essa, em que se escondam os erros e suas verdadeiras causas, só ajudará o ressurgimento no futuro de erros semelhantes e em condições mais graves.

É, sob esse aspecto, que considero insuficiente e, até mesmo, falsa e formal toda discussão que se limite às questões diretamente relacionadas com o culto à personalidade. É certo que este fenômeno, no qual particularmente se destaca o culto a Stálin, conduziu a graves erros, tanto no PCUS como em muitos outros partidos. É claro, também, que, na presente discussão, a luta contra o culto à personalidade é ponto de partida, posto que esse é o fato que tantas conseqüências causou ao movimento revolucionário, sobretudo depois que se teve conhecimento do relatório de Kruschiov. E somente partindo daí, da revelação em toda a sua extensão das maléficas conseqüências do culto à personalidade (por isso, acho justa a publicação desse relatório), é que poderemos ser levados às verdadeiras causas das posições «alsas que têm freinado a nossa atividade. Únicamente o choque com essa terrível e desagradável verdade, o reconhecimento desassombrado dessa triste situação, é que nos impulsionará a posições realmente construtivas. Nisto talvez consista o grande mérito do XX Congresso do PCUS, a ponto de torná-lo o episódio marcante de uma reviravolta na vida dos comunistas de todos os países.

Mas, para que essa possibilidade se transforme em realidade, é preciso não parar no meio do caminho, é mister seguir até o fim. Limitar-se à condenação do culto à personalidade é uma luta inconsequente que, além de mais, encerra o perigo de levar a outras posições igualmente errôneas. Conduzir-nos-ia, entre outras coisas, a conclusões teóricas absurdas, tais como a de negar o papel das personalidades, dos chefes e mesmo do Partido, no processo do desenvolvimento histórico. Não seremos nós que iremos modificar o curso objetivo da história. Em certas situações e em determinados domínios, a subordinação da vontade de muitos à vontade de uma só pessoa é a chave do êxito de uma ação. Levá-los também a transformar o combate a esse culto numa fórmula cabalística que explicasse a causa de todos os

(CONCLUI NA 8ª PAG.)

As Relações Com o P.C.U.S., Questão Prática Central

VICTOR M. KONDER

A discussão suscitada pelo XX Congresso do P.C.U.S. já revelou que os dirigentes do Partido bolchevique têm cometido não poucos erros graves. O exame, mesmo superficial, de certos aspectos negativos da atividade do P.C.U.S. e seus reflexos no Estado soviético indicam que algumas deformações e desvios ganharam corpo na vida dos comunistas da URSS. Apresentaram-se e ainda se apresentam — cumpre verificar até que ponto — sinais de um certo afastamento do espírito científico e humanista do marxismo, fenômeno de que o culto à personalidade é um dos aspectos mais salientes. No pensamento e na atividade dos sucessores de Lênin, os critérios rigorosamente científicos do marxismo cederam lugar, em muitos pontos, ao puro dogmatismo.

Claro que constitui uma das tarefas mais difíceis e importantes, nos dias de hoje, pesquisar e revelar as causas e condições

do surgimento e crescimento de tal fenômeno, trabalho que há de ser empreendido antes de tudo pelos próprios comunistas da URSS. De longe, porém, parece que essas deformações, de fundo idealista, terão de ser examinadas em estreita ligação com a análise do desenvolvimento da superestrutura da sociedade soviética e, especialmente, em suas relações com certas discrepâncias surgidas entre a base econômica da URSS e suas instituições estatais.

O mais sério, porém, é a desmedida difusão que tiveram semelhantes desvios e tendências negativas no resto do mundo, por força da influência exercida pelo Partido bolchevique e da concepção, até agora reinante do tipo de relações que deve prevalecer entre os partidos comunistas e operários, de um lado, e o partido soviético, de outro. Para nós, esta é a questão principal no momen-

to, a que mais nos interessa do ponto de vista prático, porque a ela estão ligados todos os nossos erros e da maneira como a encaremos depende o futuro da luta pela democracia e o socialismo em nosso país. Examinemo-la, pois, mais atentamente.

Em virtude de determinadas condições históricas — o grandioso feito do Partido bolchevique em 1917, sua direção leninista e a gigantesca obra que realizou, o fato de estar à testa do primeiro Estado proletário, etc. — o partido dos bolcheviques, tendo à frente um gênio do porte de Lênin, passou a orientar a atividade dos demais partidos e a ajudá-los concretamente a forjar seus dirigentes e elaborar sua linha política, o papel dessa liderança, exercida através da III Internacional e por outros meios, mostrou-se altamente positivo nos primeiros tempos. Posteriormente, porém — como os fatos estão agora a demonstrar — essa ascendência soviética, transformada numa espécie de comando onipotente do movimento comunista, tornou-se um seríssimo — e ousou mesmo dizer, o principal — empecilho ao desenvolvimento dos PP.CC. e à correção de seus erros, incluindo-se aí, com toda razão, o próprio Partido de Lênin. Isso porque os partidos passaram a viver da orientação e das diretivas do P.C.U.S. e esse sistema, rotulado de «internacionalismo proletário», fazia com que os PP. CC. imitassem mecanicamente o partido dirigente da URSS, transplantando para os seus países tanto os acertos como os erros dos soviéticos ou, caso muito corrente, copiando muitas coisas que seriam provavelmente justas nas condições da URSS, mas profundamente errôneas em outras nações. Basta dizer que, durante muitos anos, os partidos não pensaram senão em instalar soviets em seus países, fossem eles a Alemanha ou a China, a Hungria ou o Brasil.

Graças a esse vício de seguir o «modelo russo», transformado em dogma, tudo dependia do acerto dos dirigentes soviéticos (ou melhor, de Stálin), de que tivessem capacidade para abordar e elaborar não importa que problema de não importa que país, o que, como os fatos comprovaram, era façanha inteiramente impossível de ser realizada. Chegou-se ao ponto em que, apenas a Stálin era reconhecido o direito de elaborar problemas novos. O marxismo, como ciência, passou a ser freado em seu desenvolvimento, estagnando-se mesmo sob muitos aspectos, já que todo o trabalho teórico se resumia, na prática, em partir das teses dos clássicos, especialmente dos escritos de Stálin, para confirmá-las — sabe lá Deus como! — com fatos coligidos da vida real e arrumados convenientemente.

Exagero? Talvez. Mas os próprios dirigentes soviéticos, pré e pos-stalinianos, não têm reclamado, por diversas vezes nos últimos anos, contra o atraso do trabalho teórico dos filósofos: economistas e outros estudiosos dos fenômenos sociais na URSS? Na verdade, pelas amostras que conhecemos, as obras dos marxistas soviéticos quase que se reduzem à exegese dos textos stalinianos. Não se via nem se vê nelas, via de regra, o brilho e a seiva criadora que caracterizam os escritos dos criadores do marxismo.

Por outro lado, no seu empenho de justificar teoricamente aspectos da organização soviética, os trabalhos dos marxistas russos, inclusive alguns do próprio Stálin, passaram a elevar, arbitrariamente, à categoria de princípios, normas e práticas que só podiam ter explicação — e nem sempre — nas condições da URSS. Para citar apenas um único desses dogmas, basta mencionar o do «partido único». Durante todos esses anos, os comunistas de todos os países foram identificados como os homens do partido único. Na verdade, não repeliamos semelhante imputação e, vergados sob o peso dessa carga incômoda, a aceitávamos mesmo, em nome da justificativa criada por Stálin para a existência de um único partido no regime socialista da URSS. Tinha ela alguma coisa a ver com o marxismo criador? Para não nos alongarmos mais, resta citar o golpe demolidor que semelhante «teoria» acaba de receber no VIII Congresso do P.C. Chinês onde, ao contrário, foi ressaltada a grande importância que assume, para a construção do socialismo, a existência de outros partidos democráticos, ao lado do P.C. Esse pluripartidarismo permite instituir o que os chineses chamam de «supervisão mútua», garantia contra a burocratização, mal aliás, cuja existência na URSS é proclamada pelos dirigentes do P.C.U.S.

Essa idéia da «supervisão mútua», que parece ser extremamente fecunda, implica em admitir que, pelo menos fora da URSS, não basta o mecanismo da autocritica para corrigir os erros de um partido no poder e o Partido chinês só chegou a ela porque teve a coragem de rachar com os dogmas e tomar, realmente, o marxismo como um «guia para a ação».

A sombra desse sistema de pensar e agir segundo os critérios estabelecidos pelos dirigentes do P.C.U.S., uma espécie de nova eclesiástica, preñe de dogmas e tabús, introduziu-se no pensamento revolucionário, deformando-o e roubando-lhe, pouco a pouco, suas faculdades de criação. Fora da URSS, nos demais países em geral, os PP. CC., dedicados a captar as indicações do guia supremo (para orientar-se basta olhar sempre para a estrêla do Kremlin, dizia-se), não desenvolveram o espírito crítico e criador de seus militantes e dirigentes, não empreenderam senão pequenos e tardios esforços para compreender com justeza, valendo-se dos próprios meios a situação de seus países e elaborar seus programas, suas táticas e normas de organização em harmonia com as características e tradições de sua classe operária, de seu povo, de sua nação.

Tudo isso, a meu ver, ocasionou não somente seríssimos prejuízos ao movimento democrático e socialista em conjunto e a cada um dos PP. CC. em particular, como impediu igualmente que os demais partidos ajudassem, com sua vigilância crítica, o P.C.U.S. a corrigir os seus graves erros e arraigadas deformações. Vítima de sua própria posição de dirigente incontestado e não controlado do movimento comunista, o P.C.U.S. não pôde beneficiar-se do auxílio dos partidos irmãos, em geral tímidos e vacilantes em suas relações com «o mais experimentado». Isso não contribuiu, e de maneira decisiva, para que crescessem tanto os erros dos dirigentes bolcheviques, com Stálin à frente? Ao que se saiba, nem sequer se levantaram vozes para protestar contra as grosseiras manifestações de nacionalismo grã-russo que vinham ganhando corpo na URSS, manifestações não suficientemente combatidas dentro do país e que foram, sem dúvida, propiciadas pelo dogmatismo colocado a serviço da política dominante, que dizer então dessa pequena asquerosa, o anti-semitismo, que chegou a encontrar ambiente para insinuar-se pelas dobras das violências cometidas contra a legalidade soviética? Tanto esta como outras manifestações alarmantes de anticomunismo poderiam ter sido advertidas e atalhadas há mais tempos, se outro fosse o regime de colaboração e ajuda mútua entre todos os partidos comunistas e operários sem exceção.

Com tudo isso, o que queremos é demonstrar a importância prática capital da questão das relações entre o PCUS e os demais PP. CC., isto é, como devemos encarar a solidariedade ao Partido bolchevique e a União Soviética. Se essa solidariedade implica em apoio irrestrito e incondicional, em aplaudir tudo o que faça o P.C. ou o Estado soviético, a meu ver, muito pouco andaremos na correção dos erros, porque todos os bons propósitos de lutar contra o subjetivismo e o dogmatismo se chocarão com os «fatos consumados» acaso apresentados pelos soviéticos. Segundo entendo, esse conceito, responsável por estragos enormes ao movimento democrático e socialista, deve ser enterrado de vez e creio que assim o entende o projeto de Resolução do P.C.B. há pouco publicado. Há que por em funcionamento, agora, um novo tipo de relações, à base de igualdade, não ingerência nos assuntos internos e respeito aos diferentes pontos de vista. Creio mesmo de que o melhor auxílio que poderá receber o P.C.U.S. nos dias de hoje é a ajuda crítica, pois é evidente que, embora já tendo tomado uma série de louváveis e encorajadoras medidas positivas, os dirigentes do P.C.U.S. estão apenas dando os primeiros passos na luta contra os erros acumulados do passado, que ainda pesam, e muito sobre o presente.

Dito isto, pretendemos voltar a examinar a questão dos malefícios causados a nós, do Brasil e dos demais países da América Latina, pelo seguidismo em relação ao P.C.U.S. Tenho para mim que esses prejuízos se fizeram sentir mais em nosso continente do que em qualquer outra parte. Há que examinar essa questão para podermos abordar melhor os nossos problemas específicos.

Mas isso é assunto para outro artigo, se houver espaço e sobrar paciência aos leitores.

O Partido é Tudo

CONSIDERO o artigo do companheiro Quintino de Carvalho — O Partido Não é Tudo — publicado em VOZ OPERÁRIA, de 3 do corrente, bastante confuso. Analisando os erros de Stálin conclui Quintino que tais erros são devidos «à tendência de converter a ditadura do proletariado em ditadura do Partido».

Não posso compreender em todo o seu sentido a diferença que ele quis fazer entre «ditadura do proletariado» e «ditadura do Partido» para defender a sua tese. Finalmente o que é um Partido. Julgo que um partido político representa alguma coisa de concreto na sociedade. Esta coisa de concreto é sem dúvida os interesses de classe dessa sociedade. Cada partido existente, nesta ou naquela sociedade, representa a fração mais consciente de determinada classe, os seus interesses, os seus objetivos. Para isso, tais partidos têm os seus programas e neles estão inscritos os fins que cada uma dessas classes objetivam na sociedade. A burguesia tem os seus partidos e por maior número que sejam refletem tão somente as próprias contradições do regime capitalista mas, no funda-

AGOSTINHO DE CARVALHO

mental, defendem a exploração do trabalho assalariado pelo capital.

O proletariado igualmente tem os seus partidos, como os têm, em determinadas circunstâncias, a pequena burguesia rural ou urbana, os latifundiários, etc. Os partidos marxistas do proletariado visam conduzir todo o povo ao socialismo, acabar com a exploração do homem pelo homem, a construir uma sociedade em que os meios de produção passem às mãos dos que trabalham, a atingir a sociedade sem classes, ao comunismo.

Todos os partidos lutam pela tomada do poder. Uma vez atingido este objetivo adaptam a máquina do Estado aos seus interesses de classe. Portanto, um determinado partido ou partidos que se encontrem no poder defendem os interesses de classe que representam. Por exemplo, na Grã-Bretanha está presentemente no poder o Partido Conservador, isto é, o partido da burguesia britânica. São, pois, os interesses desta burguesia que ele defende. Seria tolice dizermos que o que está no poder neste país é a «ditadura do Partido Conservador» e não a «ditadura da burguesia britânica». Numa sociedade burguesa — esteja esta sociedade sob o regime monárquico inglês, sob o parlamentarismo francês, sob o presidencialismo ianque ou sob o franquismo espanhol — não deixa ela de estar sob a dominação da burguesia e, portanto, sob a «ditadura das classes burguesas», mesmo que os partidos representados no poder se chamem republicano, conservador, democrático, etc.

Para não nos enganarmos e conhecermos o regime social e político de determinada sociedade precisamos saber em mãos de quem se encontram os meios de produção, qual é o modo de produção e que classe mantém o poder político.

Se assim raciocinarmos não se pode falar em «ditadura do proletariado» e de «ditadura do Partido». «Tôdas as doutrinas referentes a um socialismo e a uma política extra-classes — diz Lênin — se evidenciam como puras patacoadas».

«As formas dos Estados burgueses — afirma Lênin — são as mais variadas, mas a sua natureza fundamental é invariável: todos esses Estados se reduzem, de um modo ou de outro, mas obrigatoriamente, afinal de contas, à ditadura da burguesia.

A passagem do capitalismo para o comunismo não pode deixar, naturalmente de suscitar um grande número de formas políticas variadas, cuja natureza fundamental, porém, será inevitável: a ditadura do proletariado.»

É isto que não está compreendendo o companheiro Quintino e, então, arranja fórmulas extra-classes para explicar os erros do culto à personalidade de Stálin.

Precisamos não confundir o culto à personalidade e seus erros com a essência da ditadura do proletariado, com a essência do socialismo, do Estado soviético e do PCUS. No fundamental o Partido Comunista da U.R.S.S. conduziu os trabalhadores e o povo soviético à meta que traçara desde a sua fundação. Seria um despropósito de raciocínio desconhecermos que para atingir ao socialismo os povos da União Soviética não lutaram, não trabalharam sob a orientação do PCUS. A edificação do socialismo não é fruto da divina providência, não surgiu ou desenvolveu-se espontaneamente. Surgiu e desenvolveu-se sob a ditadura do proletariado, por obra e planificação do Estado soviético e sob o comando do Partido Comunista.

Stálin — apesar dos seus sérios erros — nunca defendeu os interesses da burguesia ou dos culaques. Sempre defendeu os interesses do proletariado, do Partido e do povo soviético. Os seus métodos de trabalho conduziram o Partido e o Estado Soviético a erros gravíssimos que causaram danos incalculáveis ao próprio Partido, ao Estado proletário e ao povo. Mas não confundamos os erros de Stálin vendo neles a essência do regime soviético, do socialismo e do Partido, como fazem crer a reação para enganar as massas trabalhadoras.

«Pensar que uma personalidade, mesmo tão importante como Stálin — diz a Resolução do C.C. do P.C.U.S. — pudesse modificar o nosso regime social e político, é contradizer os fatos, o marxismo, a realidade, é cair no idealismo.»

E, isto é que o companheiro Quintino não compreendeu. E, não compreendendo, parte de teses falsas para tirar conclusões ainda mais falsas. Afirmar que a «ditadura do proletariado» foi substituída pela «ditadura do Partido» é o mesmo que afirmar que o capim é azul porque o olhamos com óculos de lentes azuis.

VOZ OPERÁRIA PASSARÁ A SER VENDIDA A Cr\$ 2,00

A partir do próximo número, este jornal vê-se forçado a aumentar para Cr\$ 2,00 o seu preço de venda no Distrito Federal e S. Paulo. Como órgão do proletariado e do povo que é, a VOZ OPERÁRIA fez todos os esforços possíveis para manter seu antigo preço. Foram inúteis, entretanto, esses esforços em face do acentuado aumento das utilidades necessárias à elaboração de um jornal e ao aumento do custo de vida em geral.

Como podem ver facilmente os leitores, há semanários com o mesmo número de páginas cujo preço já é algumas vezes superior ao nosso. Os próprios diários já são vendidos a preço mais elevado. Esperando encontrar uma atitude de compreensão do público, dos agentes e amigos, procuraremos, de nossa parte, servir, cada vez melhor, aos leitores, refletindo com crescente justeza, em nossas páginas, os anseios de bem-estar, liberdade e independência do povo brasileiro — razão de ser do nosso jornal e da luta de todos aqueles que aspiram pelo socialismo.

Os Interesses Nacionais e os Direitos Dos Ferroviários no Projeto da RFFSA

POR QUE UM REEXAME DAS SOLUÇÕES APRESENTADAS? — NOSSA POSIÇÃO — DUAS ORIENTAÇÕES: REGIME DE EMPRESA OU REGIME DE REPARTIÇÃO PÚBLICA — A AÇÃO DO INIMIGO DE NOSSO POVO

EM REPORTAGEM publicada na edição de 27 de outubro último, e em comentários em números posteriores, VOZ OPERÁRIA defendeu a opinião de que não constitui ato de entreguismo o projeto governamental que institui a Rede Ferroviária Federal S.A.

Como era natural, diversos dirigentes ferroviários, que já haviam adotado posição a respeito, através de trabalhos divulgados em «Notícias de Hojes» e em cartas à nossa redação (várias delas vão publicadas na seção «Voz dos Leitores») estranharam os pontos de vista que sustentamos. Para melhor esclarecimento voltamos ao assunto, sempre dispostos a aceitar as ponderações e debater as opiniões de nossos leitores.

Que fique bem clara, inicialmente, nossa posição. Em nenhuma hipótese admitimos que sejam prejudicados, na solução que se propõe para o grave problema ferroviário, os direitos dos trabalhadores.

Por outro lado, não consideramos definitivo nosso ponto de vista atual sobre o referido projeto, nem julgamos que esta proposição seja perfeita em todos os seus aspectos. O que pretendemos é que o projeto seja reexaminado, não à base de idéias e conceitos preconcebidos, mas unicamente à base do próprio texto do projeto que se encontra no Senado, da situação concreta de nossas ferrovias e das necessidades do desenvolvimento independente da economia nacional. Em síntese: cremos que o projeto deve ser estudado, analisado, debatido não só pelos ferroviários, como por todo o movimento patriótico brasileiro. Não nos parece justo condená-lo nem aprová-lo antes desse estudo e desse debate.

DUAS ORIENTAÇÕES

O ponto de partida é o fato incontestável de que ninguém pode estar satisfeito com a atual situação das estradas de ferro brasileiras. Nem o governo, que paga seus débitos, nem os ferroviários, que sofrem as consequências do descabido reinante, nem a população que se utiliza penosamente desse meio de transporte.

Esta situação negativa perdura há muitos anos. A administração das ferrovias chegou a constituir um dos pretextos utilizados pelos negativistas e entreguistas para justificar «a incapacidade» do Poder Público de administrar empresas industriais.

Em oposição a esta tendência surgiu uma corrente nacionalista que, no Parlamento e nas repartições públicas, defende a transformação da burocracia estatal nas empresas da União, de modo a permitir que o Estado dirija de forma

prática e rentável certos setores da economia. Essa corrente, depois de diversos estudos, concluiu que a única maneira de dar eficiência completa a um serviço industrial do Estado é a sua estruturação à base do regime de empresa e não de repartição pública. Este regime, por exemplo, prevaleceu na solução do problema do petróleo, antes entregue ao CNP — repartição pública — e, atualmente, à Petrobrás (empresa de capitalismo de Estado).

OS DIREITOS DOS TRABALHADORES

Com a constituição da Petrobrás, os trabalhadores do petróleo que antes atuavam por conta do CNP passaram a ser empregados sob o regime de empresa. Seus direitos foram acutelados, a julgar pelo fato de não se ter erguido entre eles nenhum protesto pela nova situação criada.

Assim, cremos que compete aos ferroviários, antes de mais nada, formular e defender também seus direitos para que o projeto, ora no Senado, não resulte em abusos e injustiças contra cerca de 150 mil trabalhadores. Aparente-se um perigo para os ferroviários que não optarem pela categoria de empregados da RFFSA, e que permaneceriam como funcionários de quadros extintos, «sem possibilidades de melhorias, sujeitos a transferências para qualquer ferrovia do país».

Diante desta observação, cremos que duas reivindicações, entre outras, poderiam ser defendidas, para que constassem claramente do projeto: 1) no quadro extinto, seriam cancelados os cargos inferiores, dando acesso paulatino dos servidores aos finais de cada carreira;

2) as transferências deverão obedecer a critérios justos, dando ao servidor transferido condições para, em seu novo posto, manter seu padrão de vida. Poder-se-iam exigir vantagens que compensem as transferências por interesse de serviço, tais como as de que desfrutam os membros das forças armadas, inclusive indenizações por conta de perdas.

REGIME DE EMPRESA, REGIME DE REPARTIÇÃO PÚBLICA

A reorganização das ferrovias sob o regime de empresa (como consta do projeto que institui a RFFSA) é considerada, por grande número de estudiosos, como o único meio capaz de implantar um regime ferroviário que atenue e liquide os déficits crescentes, assegure uma rentabilidade econômica, uma política de fretes baseadas nos custos de operação e nos interesses nacionais, um efetivo desenvolvimento do plano de renovação e reequipamento das ferrovias. Isto porque retira o sistema ferroviário da máquina burocrática do Estado, onde tudo se passa como se o Estado tivesse de pagar sempre as despesas. Apenas para escapar ao absurdo Código de Contabilidade seria justificável, já, uma empresa do tipo da Petrobrás. Citemos um exemplo: para contratar um técnico, uma ferrovia necessita, hoje, mandar o documento a dezenas de repartições, aguardar aprovação de todos os escalões, devendo este funcionário esperar, ainda, no início do ano, três meses antes

de receber o primeiro vencimento. A Petrobrás, pelo contrário, pode contratar um técnico de que necessita até em 24 horas. Uma ferrovia para comprar matérias-primas, equipamentos, carvão, etc., está sujeita a toda uma odisséia burocrática, que retarda a encomenda, atrasa a obra planejada, dificulta o rendimento do serviço, etc. Entretanto, uma empresa como a Petrobrás pode fazê-lo de acordo com a urgência que tenha nessas operações.

DETERMINAR OS INTERESSES NACIONAIS

Percebam, pois, que no caso das ferrovias (como ficou demonstrado no caso do petróleo e da siderurgia) o interesse nacional aconselha um regime de empresa em lugar de um regime de repartição pública. O interesse nacional deve, aí, ser considerado como a soma dos interesses dos clientes e passageiros das ferrovias, dos funcionários que nelas gastam seus esforços e das populações que, direta ou indiretamente, sofrem as graves consequências do atual descabido de nosso sistema ferroviário.

Estamos certos que os ferroviários estão dispostos a cooperar num justo esforço de renovação de nossa economia ferroviária, determinando claramente onde se encontram os interesses nacionais.

A AÇÃO DO INIMIGO DE NOSSO POVO

Mas não devemos esquecer a ação do inimigo de nosso

povo, do inimigo do desenvolvimento independente da economia nacional — o imperialismo norte-americano.

Pelo texto do projeto não nos parece possível um controle dos trustes lanques sobre a RFFSA. Entretanto, não podemos desconhecer que pretendam eles influenciar na orientação dos traçados das novas linhas férreas, de modo a garantir, de acordo com seus interesses, o transporte das zonas mineiras em direção aos portos de embarque para o exterior. Assim, é bem conhecido o interesse dos americanos em impedir a prioridade (reclamada por técnicos nacionais) para certos ramais de interligação pelo interior. Não querem também, que se façam novas ferrovias onde as rodovias supram as necessidades do transporte (aumentando, assim o gasto de pneus, peças e gasolina, em grande parte vendidos pelos trustes americanos).

Além disso, e como principal fator para a presença de norte-americanos nos debates sobre as nossas ferrovias (Comissão Mista), está a questão do fornecimento de locomotivas, trilhos, etc., para o Plano ferroviário nacional. É grande o interesse dos monopólios lanques nesse fornecimento das usinas americanas. No tempo da Comissão Mista era esta a principal ambição dos americanos: privilégio no fornecimento de equipamento. Não querem admitir que compreemos equipamentos através de concorrências internacionais, que quase sempre excluem os trustes dos E.E.U.U., em virtude de seus preços altos. (Haja vista a concorrên-

cia para a compra de trilhos no valor de 10 milhões de dólares, na qual saiu vencedora a Polônia sobre propostas da United States Steel e da Bethlehem Steel).

Os empréstimos americanos (com o recente, de 100 milhões de dólares) são condicionados a este privilégio de compras exclusivas nos Estados Unidos, o que leva ainda a uma certa padronização, dificultando, posteriormente, o emprego de máquinas de outros países.

Todos esses interesses anti-nacionais existem e seria uma desastre ignorá-los. Mas eles não decorrem do projeto que institui a RFFSA — cujas diretrizes são positivas — e sim de imposições norte-americanas para financiamentos de planos ferroviários. Cabe a todos os patriotas exigir do governo que repila essas imposições.

TAREFA PATRIÓTICA

Julgamos, portanto, que urge estudar seriamente não só o projeto sobre a RFFSA, mas todos os aspectos da política ferroviária, para se defender, em cada caso concreto, os interesses de nosso povo. As ferrovias são um dos principais pontos de estrangulamento da economia brasileira. Seus déficits constituem uma das causas da própria inflação, que traz miséria ao povo. Resolver o problema ferroviário é, portanto, tarefa patriótica, para a qual devemos contribuir com seus conhecimentos e estudos os trabalhadores das ferrovias, os técnicos e estudiosos interessados no progresso nacional.

PRORROGADA A CAMPANHA PRÓ-IMPrensa POPULAR

CONSIDERANDO que «não foi possível recolher as quantias indispensáveis à constituição do fundo de reequipamento dos jornais populares» nos três meses da Campanha dos Vinte Milhões, sua Comissão Nacional deliberou prorrogá-la por mais um mês — o atual mês de novembro. Em comunicação lançada a público, a Comissão apela também no sentido de que os clubes, comissões e demais organizações que participam da Campanha aproveitem a prorrogação para cobrir os compromissos assumidos e superar os já cumpridos.

A comunicação é a seguinte:

«As atividades da «Campanha Pró IMPrensa POPULAR, programadas para os meses de agosto, setembro e outubro, terão prosseguimento até o fim do corrente mês.

Partiu de Comissões Estaduais a iniciativa da prorrogação, sendo essa proposta apoiada por numerosos Clubes e Comissões do Distrito Federal. Finalmente a Comissão Nacional da Campanha a aceitou.

Ao se cogitar da prorrogação da campanha levou-se em conta que nos três meses da planificação não foi possível recolher as quantias indispensáveis à constituição do fundo de reequipamento dos jornais populares. Consideramos, também, na discussão dessa resolução, o desejo que alguns Clubes e Comissões manifestaram de utilizar a prorrogação para cumprimento de compromissos ainda não realizados.

Revolvida a prorrogação, queremos manifestar a crença de que a cooperação de tantos milhares de ami-

gos dos jornais populares será devidamente aproveitada através de um melhor esforço organizativo.

Por outro lado, resolve-se prorrogar a Campanha num momento em que acontecimentos nacionais e internacionais tornam evidente o interesse do povo pela manutenção e enriquecimento de uma imprensa dedicada, sem nenhuma restrição, à luta intransigente pela paz, pela emancipação nacional, em defesa das liberdades democráticas e por melhores condições de existência para o povo.

Estamos certos, por tudo o que fica exposto, de que a prorrogação do prazo da Campanha será aproveitada pelos organismos de ajuda. Estamos convictos, ao mesmo tempo, de que durante mais um mês serão correspondidos em todo o Brasil os apelos em favor do reequipamento dos jornais populares.

A Comissão Nacional da Campanha Pró IMPrensa POPULAR.

MANIFESTO DE ENTIDADES FERROVIÁRIAS CONTRA O PROJETO QUE INSTITUI A RFFSA

NA CONVENÇÃO dos Ferroviários do Brasil (Rio — 17 a 19 de setembro de 1956), numerosos representantes de entidades de trabalhadores em ferrovias aprovaram um «Manifesto à Nação» em que condenam veementemente o projeto de criação da «Rede Ferroviária Federal S.A.», considerado «prejudicial à classe ferroviária, contrário aos interesses nacionais e ultrajante aos nossos brios de povo livre e independente».

O MANIFESTO

Após referir-se ao parecer elaborado pela comissão nomeada pelo então presidente Getúlio Vargas para preparar o projeto, diz o manifesto, cujos pontos mais importantes publicamos a pedido:

«O projeto que visa transformar em Sociedades Anônimas as Ferrovias de propriedade da Nação, apesar do «engenho» dos que servem, ou se querem servir dos magnatas, é vitalmente prejudicial à classe ferroviária, é contrário aos interesses nacionais, é ultrajante aos nossos brios de povo livre e independente.

Prejudicial à classe ferroviária porque mutila seus direitos, corrói seus deveres, deforma suas obrigações.

Contrário aos interesses nacionais porque: os serviços públicos, universalmente, por vários motivos, além da inegociável segurança nacional, devem sempre ser administrados pelo Estado! O Estado tem por obrigação principal o Bem-Público, e nesse mistério, não pode ser dirigido por estranhos poderes!

Ultrajante aos brios do Povo Brasileiro porque: impõe condições humilhantes, onerosas, e indignas dos postulados humanos. Cem milhões de dólares é o preço — «o prato de lentilhas» — que os «vendilhões do templo» desejam para o «milagre» que não salvará a Nação da miséria humana!

Querem reduzir milhares de famílias a mais negra miséria dispensando o que «eles» julgam ser o excesso de nacionalidade de um povo;

Querem acobertar interesses inconfessáveis, sob um manto de reconhecida escravização de um povo;

Querem o beneplácito da Câmara de Deputados, do Senado Nacional, do Presidente da República, para ter o endosso de que a Nação Brasileira reconhece, assim, o patriarcado dos que se fizeram donos do Patrimônio da Humanidade!

Os ferroviários, pois, denunciam à Nação: As entidades signatárias, que sempre se têm batido pela fortificação dos Postulados-Humanos, e pela aceitação digna de capitais estrangeiros que de fato, propulsionem o nosso progresso em bases Honrosas, Honestas e Puramente Comerciais, devidamente apoiados pela imensa maioria dos trabalhadores que representam legitimamente, imbuídas dos melhores e maiores propósitos de solidariedade nacional, esses trabalhadores vêm apresentar este MANIFESTO A NAÇÃO e denunciam aos brasileiros de boa vontade e sã intenção e que desejam ver esta estremecida e querida Pátria no mais alto pináculo da glória e do progresso, a fim de que fundidos na chama viva da nacionalidade, possamos, numa luta sem quartel, e pugnando na defesa daquilo que é nosso, muito nosso, jogar por terra esse maldado plano de entregar os nossos Serviços Públicos de pés e mãos atados à cupidiz estrangeira, inclusive concitando o Senado da República e o Congresso Nacional para arquivar ou modificar esse ignominioso projeto 1.907-52, da Câmara ou 171-55, do Senado Federal, no sentido de, ouvindo a maioria imensa da Nação — seus trabalhadores — impedir a transformação das estradas de ferro em sociedades anônimas!

Convocamos, pois, todos os trabalhadores brasileiros para a defesa dos mais sagrados e legítimos interesses nacionais!

O documento acima é assinado pela União dos Ferroviários do Brasil, União Nacional dos Ferroviários, pelas uniões dos ferroviários da Sorocabana, do Maranhão, do Ceará e do Nordeste, pelos sindicatos de ferroviários da E. F. Leopoldina e de São Paulo, pela UNSP, e por várias associações, delegacias e federações, sediadas em 15 Estados da Federação.

Colonos e Pequenos Agricultores Levantam Suas Reivindicações

MAIS DE TRÊS MIL COLONOS, SITIANTES, MEIEIROS, CAMARADAS, ETC., COMPARECENDO A CONCENTRAÇÃO CONTRA O CONFISCO CAMBIAL, APROVEITARAM A OPORTUNIDADE PARA RECLAMAR O RESPEITO AOS SEUS DIREITOS — RESOLUÇÕES DA CONCENTRAÇÃO — AUMENTAR O PREÇO DO DÓLAR - CAFÉ IMPORTARIA EM REFORMA CAMBIAL COM SUAS DANOSAS CONSEQUÊNCIAS

AUMENTO de \$10,00 para o dólar-café (de \$37,00 para \$47,00 aproximadamente) e aumento idêntico para as demais categorias, tal é a pretensão dos círculos rurais e dos exportadores que vêm patrocinando a campanha contra o chamado "confisco cambial". A concentração (dia 10) de São José do Rio Preto insistiu, ainda, pela palavra de alguns oradores, e nas resoluções, na supressão do "confisco", tendo em vista a tática de "pedir muito para conseguir alguma coisa". O governo, porém, em repetidos pronunciamentos, já se mostrou intransigente na recusa a qualquer modificação do sistema cambial vigente. No momento, representantes de diversas organizações rurais discutem, com os órgãos do Ministério da Fazenda, uma solução para o problema.

REIVINDICAÇÃO DA MESMA NATUREZA

Do ponto de vista da repercussão que terá, em toda a economia nacional, a reivindicação agora levantada, de aumento de \$10,00 para o dólar-café e aumento idêntico para as demais categorias, não se diferencia, em muito, da supressão pura e simples do "confisco cambial". Porque não se trata, somente, de retirar ou não retirar ao Banco do Brasil o produto dos ágios com que o governo vem atendendo à cobertura dos déficits orçamentários e de outras despesas, sem recorrer exclusivamente às emissões. Na realidade, se a supressão do "confisco" importaria em reforma cambial, também importaria o aumento reclamado para o dólar pago ao exportador de produtos agrícolas. E se trata, no momento, de não fazer reformas no sistema cambial vigente, evi-

O PROJETO SOBRE O TRABALHO RURAL

CONTINUA parado, na Câmara Federal, o projeto de lei nº 1.938-56, sobre o trabalho rural. O projeto saiu, há várias semanas, de uma comissão interpartidária e deveria entrar em regime de urgência, mas numerosas outras matérias têm sido postas à sua frente. Os líderes partidários não decidiram, até o momento, quando trarão o projeto a plenário.

A assembleia geral da Confederação Rural Brasileira, realizada a 12 do corrente, no Rio, decidiu que se devia "estudar melhor" o assunto, propondo as emendas que julgar necessárias. Esse estudo será feito não somente pela CRB, como pela FARESP e outras organizações. O representante desta última à assembleia expressou a opinião de que o projeto contém pontos inaceitáveis e "equivocos jurídicos" que precisam ser emendados. Dêsse modo, a organização dos proprietários rurais mostra-se disposta a conseguir alterações no projeto, em seu favor, e o conseguirá se os trabalhadores agrícolas e colonos não souberem defender seus direitos.

tando-se as consequências danosas que, se elas fossem feitas, sofreria a economia nacional.

Dizem os exportadores e demais partidários da supressão do "confisco" ou do aumento das bonificações que a medida não acarretaria baixa do café no mercado externo (Estados Unidos). Todas as vezes em que se alterou, para mais, o preço do dólar-café (Instruções 70, 99 e 112 da SUMOC) seguiu-se a baixa imediata da cotação do produto, com todas as consequências que daí advêm, inclusive para o valor do cruzeiro. Diz-se, porém, que, agora, tal não ocorreria, pois "a procura" de café no mercado externo é maior do que a "oferta". Esse é, evidentemente, um argumento no qual não acreditam nem mesmo os que o propagam, pois estes bem conhecem o mecanismo das cotações do café no exterior. Além do mais, não se pode

desprezar o fato de que a medida seria fatalmente utilizada pelos altos círculos financeiros norte-americanos como instrumento de pressão sobre nosso país, para obter concessões de nossa parte.

É evidente que o atual sistema cambial brasileiro não pode ser considerado bom e que é preciso alterá-lo para melhor. No entanto, isso não se poderia fazer sem que fossem tomadas, previamente, medidas concretas visando a deter a espiral inflacionária. Antecipar a isso uma reforma cambial seria acarretar a desvalorização do cruzeiro, agravar seriamente a inflação e a carestia, criar enormes dificuldades financeiras ao país, antepor obstáculos à satisfação das necessidades da indústria nacional em equipamentos e materiais importados, etc. Seria, pois, medida impatriótica e não é por acaso que se encontram entre os corifeus golpistas os mais ardorosos partidários de uma reforma cambial imediata.

Não se pode negar que a imensa maioria dos proprietários rurais atravessa dificuldades e que essas dificuldades atingem, também, os cafeicultores. Para estes, porém, a solução não estaria no aumento da bonificação que recebem do Banco do Brasil, não somente pelos motivos já referidos — que desaconselham qualquer reforma cambial nas condições atuais — como porque o aumento quase que só beneficiaria aos exportadores e aos grandes latifundiários.

Entre alguns representantes de organizações rurais surge, atualmente, a tendência a reclamar medidas de auxílio e proteção à agricultura, mas de natureza não cambial, tais como facilidades à importação de máquinas, entrega de sementes, assistência técnica, fixação de preços mínimos compensadores para certos produtos, ampliação de mercados e outras, inclusive com recurso ao saldo dos ágios, que deveria, de há muito, ser revertido à lavoura. Medidas dessa natureza já se encontram em estudos em alguns órgãos competentes do governo.



Os colonos de café não ganham o salário-mínimo. Foram a São José do Rio Preto reclamar esse direito.

A POSIÇÃO DOS COLONOS E PEQUENOS AGRICULTORES

NA CONCENTRAÇÃO de São José do Rio Preto estiveram milhares de colonos, trabalhadores agrícolas e pequenos agricultores, que ali compareceram não para reclamar a supressão do "confisco cambial", mas para lutar por suas reivindicações. Entre os presentes (mais de três mil pessoas) destacavam-se numerosas faixas reclamando o pagamento do salário-mínimo aos colonos, pagamento de férias anuais e outras reivindicações.

Cerca de vinte oradores fizeram-se ouvir na concentração. Mais da metade destes (entre os quais o presidente do Sindicato Rural de Urupês) denunciou a situação de miséria em que se encontram os colonos e trabalhadores rurais, bem como os pequenos e médios produtores agrícolas, exigindo não somente que os fazendeiros cumpram as disposições legais que lhes beneficiam como que o governo adote medidas que lhes garanta crédito, preços mínimos compensadores, escoamento da produção, etc.

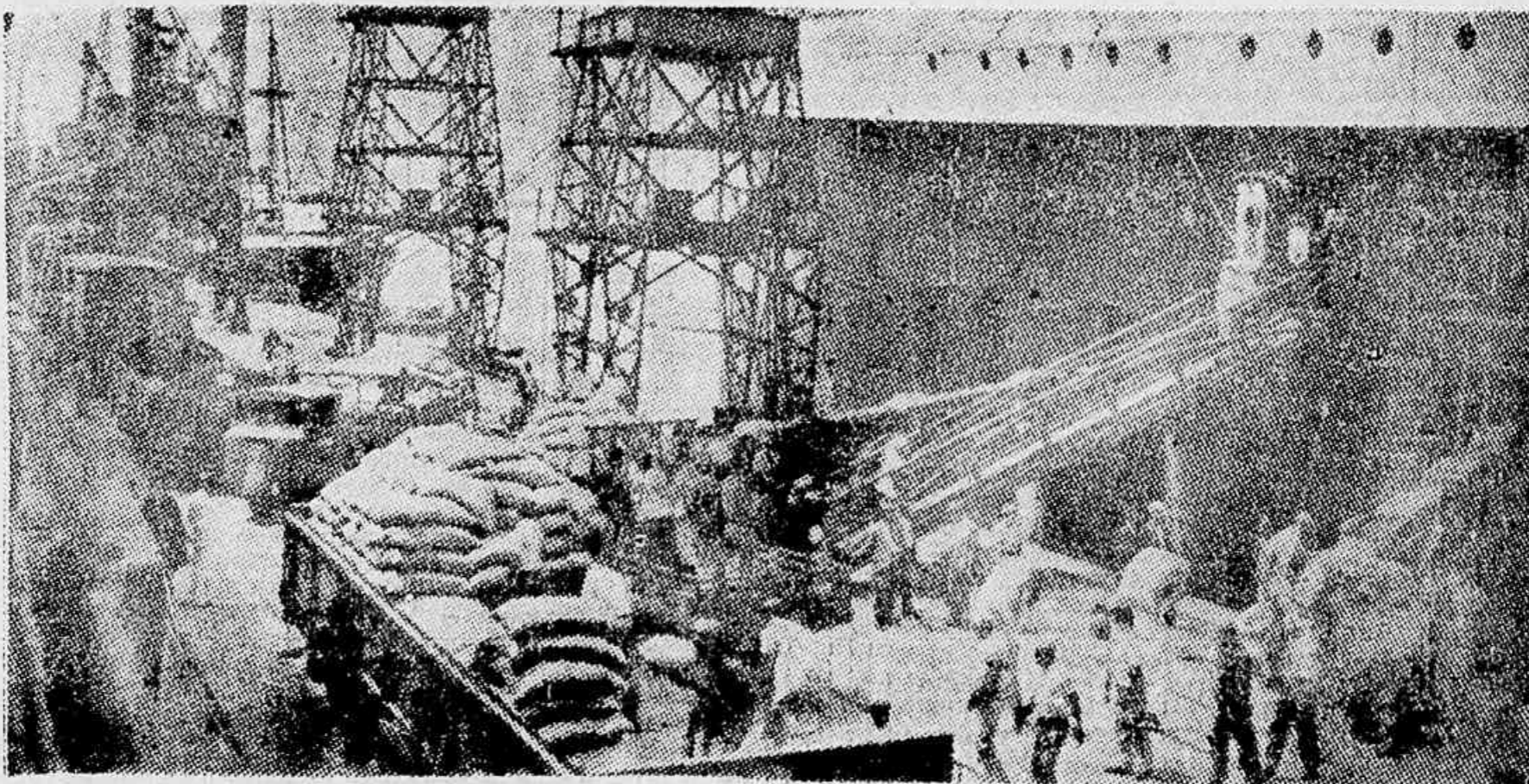
As faixas e discursos dos representantes dos lavradores e camponeses alcançaram grande repercussão. Representantes dos fazendeiros e da FARESP, falando, reconheceram, formalmente, o direito dos colonos e demais trabalhadores rurais à sindicalização, para a defesa de seus direitos.

Entre as resoluções aprovadas em São José do Rio Preto figuram as seguintes:

1) adoção, no mais breve prazo, de medidas de reforma agrária, levando-se em conta os projetos sobre a matéria atualmente na Câmara Federal;

2) instalação urgente dos conselhos municipais do Serviço Social Rural, a fim de levar assistência médica e a maternidade, no campo;

3) extinção da vigência do decreto n.º 9.883, que dá aos frigoríficos o direito de criar, recriar e engordar o gado, em prejuízo dos criadores nacionais; que os frigoríficos se limitem à industrialização da carne, de seus derivados e subprodutos, evitando-se assim a formação do monopólio desses produtos, que determina constantes elevações dos preços nos mercados consumidores.



Os exportadores de café (10 grandes firmas, entre as quais 5 norte-americanas) serão os beneficiários maiores do pretendido aumento da bonificação para o café. NA FOTO: embarque de café, no porto de Santos.

Conclusões do CC do PCF Sobre Os Acontecimentos na Polônia e Hungria

«A VERDADE É QUE AS FORÇAS BURGUESAS, REACIONÁRIAS, CONTRAREVOLUCIONÁRIAS, E SEUS INSPIRADORES ESTRANGEIROS, PROCURAM UTILIZAR OS ERROS COMETIDOS E O DESCONTENTAMENTO DELES RESULTANTE PARA SOLAPAR O REGIME DE DEMOCRACIA POPULAR E PARA PREPARAR A RESTAURAÇÃO DO CAPITALISMO» — PORQUE «L'HUMANITÉ» NÃO PUBLICOU O INFORME DE GOMULKA NEM SE REFERIU AOS EDITORIAIS DE «SZABAD NEP» — ETIENNE FAJON EXPÕE AS CONCLUSÕES DO COMITÊ CENTRAL DO P. C. F.

Em nossa edição anterior publicamos o discurso de Wladyslaw Gomulka, no VIII Pleno do CC do Partido Operário Unificado Polonês. Dentro de nossa linha de oferecer, ao conhecimento e ao debate dos leitores, o maior número de documentos e opiniões idôneas, para a compreensão dos candentes problemas que, atualmente, se colocam ante o movimento comunista internacional, publicamos, a seguir, as conclusões do último Pleno do CC do Partido Comunista Francês, referentes à atual situação na Polônia e na Hungria. As conclusões do CC do PCF foram expostas por Etienne Fajon, membro do Buro Político e reproduzidas em «L'Humanité» de 3 do corrente.

A REAÇÃO APROVEITOU AS DIFICULDADES E OS ERROS

Depois de passar em revista a situação da Polônia e da Hungria no período anterior à libertação, o progresso dos dois países sob o regime de democracia popular e o trabalho desenvolvido pelos restos das antigas classes exploradoras, apoiadas nos imperialistas, pela restauração do antigo regime, afirmou Etienne Fajon:

— É absolutamente impossível compreender os acontecimentos da Polônia ou da Hungria sem ter em conta esses fatores essenciais do desenvolvimento histórico, e eis porque importa falar deles claramente.

— Na Polônia, na Hungria, como em todos os países de democracia popular, as forças da reação esforçam-se por tirar partido das dificuldades encontradas pelo jovem Estado socialista. Estas dificuldades são inegáveis e algumas dentre elas eram inevitáveis.

— Vimos a situação anterior, da qual vieram esses povos. Chegar, nestas condições, a uma vida confortável, representa para eles um problema imenso. Este problema é ainda complicado pelas enormes destruições da guerra. Recordemos que a Hungria perdeu todo o equipamento de suas usinas, mais da metade de seus rebanhos, as 1.400 pontes do Danúbio e do Tisza, sem exceção de uma só. Lembremos que a Polônia perdeu 6 milhões de seus filhos e 38% de seu patrimônio nacional e que Varsóvia foi inteiramente destruída. A ameaça de uma agressão estrangeira, particularmente viva à época da guerra fria, devia, além de tudo isso, conduzir o país a um esforço de defesa indispensável, mas pesado para suportar.

— Estas dificuldades objetivas foram agravadas por certas faltas cometidas na direção do Partido e do Estado. Estas faltas estão ligadas, em considerável medida, ao culto à personalidade e ao abandono, em consequência disso, da direção coletiva e dos princípios leninistas da vida do Partido.

— É assim que em diversos países de democracia popular a legalidade socialista foi gravemente violada em diversas circunstâncias e que medidas de repressão injustificadas, algumas irreparáveis, atingiram pessoas não culpadas. Os planos de desenvolvimento da indústria, não tendo sido suficientemente expostos à crítica e ao controle da classe operária, foram muitas vezes eivados de desproporções e de erros. A agricultura, por sua vez, não recebeu a ajuda desejável. Os ritmos da elevação do nível de vida dos operários ressentiram-se de certos defeitos.

— É assim, ainda, que no passado a colaboração estreita e fraternal entre países socialistas pôde ser alterada por certas faltas. Tudo isso explica que os trabalhadores de certos países de democracia popular foram conduzidos a exprimir seu descontentamento e a reivindicar a eliminação das insuficiências na economia e na administração do Estado.

— Devemos dizer que aprovamos, sem reserva, a crítica, desses defeitos por nossos partidos irmãos dos países de democracia popular, assim como as correções feitas, em alguns lugares tardiamente, às vezes.

OS ERROS NÃO EXPLICAM OS ACONTECIMENTOS DA POLÔNIA E HUNGRIA

— Mas seria um erro profundo, antimarxista — continua Etienne Fajon — apegar-se a esses fatores para explicar, por exemplo, o que se passou em Poznan, há alguns meses, e mais ainda para explicar os recentes e graves acontecimentos na Hungria. A verdade é que as forças burguesas, reacionárias, contra-revolucionárias, e seus inspiradores estrangeiros, procuram utilizar os erros cometidos e o descontentamento resultante deles para solapar o regime de democracia popular e para preparar a restauração do capitalismo.

— Em uma resolução adotada na sessão de julho último, o Comitê Central do Partido Operário Unificado Polonês declara com razão: «em uma sociedade de classes, enquanto a ideologia burguesa e pequeno-burguesa tem ainda uma séria influência, o processo de democratização não reforçará somente as tendências socialistas, mas dará possibilidade de agir aos elementos burgueses. Os elementos burgueses esforçar-se-ão em utilizar esse processo para organizar suas forças e atuar junto as massas trabalhadoras.»



ETIENNE FAJON, membro do Bureau Político do C.C. do P.C.F.

— Essa atuação dos elementos burgueses manifestou-se, de um lado, no plano ideológico, nas colunas de certos jornais controlados pelo Partido ou em certos círculos intelectuais portanto animados por ele, onde pudemos ver reivindicações e palavras de ordem burguesas exprimirem-se sob o disfarce da correção dos erros da democracia socialista.

— A crítica do marxismo, a condenação da ditadura do proletariado, a renúncia à palavra de ordem de edificação do socialismo, a negação do internacionalismo proletário, o anti-sovietismo, tais são alguns dos temas que pudemos encontrar em vários artigos da imprensa polonesa, notadamente no órgão da União dos Escritores Poloneses. No que se refere à Hungria, deve-se lembrar que os ataques anti-comunistas do Círculo Petofi e da União dos Escritores Húngaros estavam recentemente no primeiro plano.

O APOIO ESTRANGEIRO A CONTRAREVOLUÇÃO HÚNGARA

Etienne Fajon cita as diversas manifestações de apoio aberto dos círculos imperialistas e reacionários estrangeiros à contra-revolução na Hungria e as tentativas daqueles círculos de ajudar os elementos contra-revolucionários por todos os meios. Prossegue:

— Ressalta das informações provenientes de Budapeste que a nova direção do Partido dos Trabalhadores Húngaros, depois de ter parecido hesitar ante a luta contra os reacionários, escolheu o caminho de ceder às suas exigências. O governo Nagy reclama a democracia burguesa, a colaboração entre o partido da classe operária e os partidos da burguesia. Aceitou todas as reivindicações dos insurretos e empenhou-se em realizá-las. Tomou para vice-presidente o homem que dirigiu o Partido Nacional Camponês ao tempo de Horthy e da guerra contra a União Soviética. Denunciou unilateralmente o Tratado de Varsóvia.

— Quer dizer que uma situação penosa criou-se na Hungria, onde os operários revolucionários, os camponeses e intelectuais de vanguarda terão que travar uma dura luta para restaurar e defender as conquistas socialistas de sua República, pelo respeito ao tratado de paz pelo qual a Hungria compromete-se a não tolerar em seu território organização cujo objetivo seja privar o povo de seus direitos democráticos.»

— A verdade é, portanto, simples. Na aplicação do Tratado de Varsóvia, algumas unidades soviéticas estão estacionadas na Hungria. Quando o governo húngaro solicitou ao governo soviético que enviasse um certo número de soldados a Budapeste para ajudar o Exército e as autoridades húngaras a restabelecer a calma, o governo soviético acedeu a este pedido.

— Resta assinalar que os governantes americanos, britânicos e franceses e outros adotam uma atitude análoga a respeito de suas forças militares acantonadas a milhares de quilômetros de suas fronteiras ou engajadas em guerras injustas contra a independência dos povos.

OS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS ANTE OS ACONTECIMENTOS

— O comportamento observado a respeito dos acontecimentos da Polônia e Hungria pelos diferentes partidos comunistas e operários, e particularmente pelo Partido Operário Unificado Polonês e pelo Partido dos Trabalhadores Húngaros, dá lugar a muitas reflexões e discussões entre os comunistas franceses. Convém que estas discussões não firam o princípio comprovado de que a vida interior de cada partido é assunto de sua exclusiva competência. Abster-me-ei, pois, de todo comentário sobre as modificações feitas recentemente nos organismos dirigentes dos partidos interessados.

— Temos o direito e o dever, por outro lado, de formular com prudência nossa opinião sobre as posições políticas e sobre os atos de nossos partidos irmãos, desde que essas po-

sições políticas e esses atos tenham repercussão internacional e comportem lições de importância geral.

— Aprovamos tudo o que os partidos irmãos fazem e dizem tendo em vista manter e reforçar os princípios marxistas-leninistas, a solidariedade operária internacional, a coesão do campo socialista e a paz.

— Aprovamos particularmente as passagens da recente resolução do Comitê Central do Partido Operário Unificado Polonês que tratam da necessidade de «superar as falsas tendências de liberalismo burguesas entre os elementos hesitantes, em particular em certos meios intelectuais», à necessidade de «isolar e desarmar as forças reacionárias que intensificam sua atividade buscando tornar mais aguda a luta de classes e tendentes a utilizar a democratização da vida política do país contra o socialismo, contra a democracia», à necessidade de «opor-se a todas as manifestações de agitação anti-soviéticas». Aprovamos «Tribuna Ludu» quando ela se ergue contra a insolente interferência de Eisenhower ou Adenauer nos negócios poloneses.

— Nós nos rejubilamos de ler, hoje mesmo, uma declaração do Partido Polonês assinalando certos traços reacionários, anti-socialistas e criminosos da pretensa revolução húngara, assinalando também a necessidade e legitimidade da manutenção na Polónia das unidades soviéticas que ali estão estacionadas em virtude dos tratados.

— Rejubilamo-nos igualmente de constatar que os partidos irmãos da Tchecoslováquia, România, Bulgária, Albânia e, na República Democrática Alemã, os camaradas Ulbricht e Grotewohl, estigmatizaram como conivência a ação da reação na Hungria e afirmaram sua fidelidade aos princípios do internacionalismo proletário e do socialismo.

— Mas devemos dizer, com a mesma franqueza, que outras apreciações oficiais do Partido Operário Unificado Polonês merecem, de nossa parte, reservas. É o caso, por exemplo, do informe apresentado pelo camarada Gomulka à última sessão do Comitê Central.

— No exame das causas das dificuldades que a República Polonesa recentemente conheceu, o informe não faz a menor alusão às forças sociais hostis ao socialismo, ao passo que nós pensamos que essas forças desempenharam o primeiro papel. É ao Partido que o informe atribui todos os defeitos, todas as responsabilidades, inclusive a responsabilidade exclusiva de Poznan. «Tentar apresentar a tragédia de Poznan como uma obra dos imperialistas e dos provocadores — afirmou ele — foi uma grande ingenuidade política». Nós pensamos que a ingenuidade consistiria no contrário, em não ver a ação funesta desses elementos inimigos. Creemos que a correção necessária dos erros do Partido não poderia conduzir à tese falsa e desmoralizadora segundo a qual tudo que vai mal deva ser imputado ao Partido.

— Nós não podemos, evidentemente, exprimir pontos de vista da mesma ordem a respeito do Partido dos Trabalhadores Húngaros, dos artigos de seu órgão central, que saíram como autêntica vitória, antes de desaparecer, os recuos do poder popular ante a rebelião reacionária, não dependente, segundo nossa opinião, da discussão entre partidos operários marxistas.

— Notaremos somente o fato de que Kadar, feito primeiro secretário do Partido dos Trabalhadores Húngaros, vem de abandonar, pura e simplesmente, as fileiras desse Partido, imitado nisso pelo presidente do Conselho, Nagy, que cobre com sua autoridade a S. Bartolomeu de comunistas dos quais se livram os fascistas húngaros. Está assim demonstrado que esses personagens não falam em «liberalizar» o Partido dos Trabalhadores Húngaros senão para ocultar uma empresa com o objetivo de destruí-lo.

OS ACONTECIMENTOS E O PARTIDO COMUNISTA FRANCÊS

Etienne Fajon refere-se concluindo, aos reflexos dos acontecimentos da Hungria e Polônia no Partido Comunista Francês.

— Entre uma infima minoria de elementos pequeno-burgueses, oportunistas, certas discussões que têm lugar em Varsóvia ou Budapeste foram recebidas como a justificação de um enfraquecimento dos princípios no Partido, um enfraquecimento do internacionalismo proletário, das posições de classe, como um convite a pôr em causa as justas decisões de nosso XIV Congresso.

Fajon responde, finalmente, aos que perguntaram porque «L'Humanité» não publicou o informe de Gomulka e não se referiu aos editoriais do órgão do CC do Partido dos Trabalhadores Húngaros, «Szabad Nep», em seu noticiário sobre os acontecimentos da Hungria.

— A tarefa de «L'Humanité» não é publicar, sem discernimento, todas as informações de agências, todas as opiniões formuladas por tal ou qual dirigente de partido irmão sobre tal ou qual problema político. Sua tarefa é publicar os fatos verificados e importantes, ao mesmo tempo que o ponto de vista do Partido Comunista Francês sobre as grandes questões colocadas. Assim «L'Humanité» pode orientar justamente os comunistas e a classe operária para a ação, o que é sua razão de ser. Se ela fizesse como pretendem alguns camaradas, semearia a desorientação, desmobilizaria em lugar de armar para a luta. «L'Humanité» não publicou o informe do camarada Gomulka porque várias de suas passagens estão em contradição com as teses democráticamente elaboradas por nosso Congresso. Não citou «Szabad Nep» para não condenar seus leitores a nada compreenderem dos acontecimentos da Hungria. Mais exatamente, lá os citou quando os acontecimentos estavam bastante maduros para que nosso Partido pudesse formular a respeito desses artigos uma apreciação crítica.

— Confesso não estar de acordo com nossos raros correspondentes que partem disso para justificar seu direito de ler um jornal burguês. Esse triste direito, que ninguém lhes contesta, não é reivindicado senão por aqueles que já fazem uso dele. É preciso assinalar, todavia, que os camaradas que acompanharam os acontecimentos através de «L'Humanité» não leram senão fatos exatos com — porque não dizê-lo — sua explicação marxista.

Trinta mil trabalhadores cariocas expressaram, no dia 12, a solidariedade do povo ao movimento democrático de 11 de novembro, homenageando na pessoa do Ministro da Guerra os chefes militares que se ergueram em defesa da soberania popular e das liberdades constitucionais. Nas fotos: 1) aspecto da grande massa que se concentrou na Praça Duque de Caxias, tendo-se a delegação dos trabalhadores do Arsenal de Marinha; 2) parte da grande multidão aplaudindo o general Teixeira Lott e o Vice-Presidente João Goulart, quando os dois se dirigiam para o palanque oficial; 3) na tribuna do "meeting", o general Teixeira Lott, general Odílio Denys, sr. João Goulart, almirante José Augusto Vieira, subcomandante do Regimento de Fuzileiros Navais e ministro Neves Ramos.



Povo e Exército Unem-se Por um Brasil Democrático e Independente

FESTEJANDO o primeiro aniversário do movimento democrático de 11 de novembro o povo carioca homenageou, no dia 12, o general Teixeira Lott, numa vibrante concentração em frente ao Ministério da Guerra. Mais de 30 mil pessoas, em sua maioria trabalhadores, foram levar ao general Lott a solidariedade popular à sua conduta, como chefe do Exército, em defesa das franquias constitucionais.

Na ocasião foi oferecida, em nome dos trabalhadores e das forças políticas que se batem pela legalidade democrática, uma espada de ouro ao Ministro da Guerra.

A manifestação iniciou-se com um comício, no qual discursaram líderes sindicais de diversos Estados, que vieram trazer a solidariedade dos trabalhadores aos princípios esposados pelo movimento de novembro. Discursaram os srs. Clemens Sampaio, deputado estadual do P.T.B. (Bahia), Manoel Tibúrcio da Silva (em nome dos marítimos de Niterói), Érico Figueiredo Alvares (presidente da Frente de Novembro), deputado Áreo Melo (P.T.B. do Amazonas), deputado Pontes Vieira (P.T.B. de Pernambuco), vereador Valdemar Viana (Distrito Federal), Edgard Bezerra Leite (representando os sindicatos pernambucanos), Luiz Correia, coordenador dos "clubes JJ".

Foi então que, acompanhado do vice-presidente da República, de vários oficiais gerais e autoridades civis e militares, o general Teixeira Lott se dirigiu ao palanque, em meio a calorosos aplausos da multidão. O comício prosseguiu, falando o sr. Roberto Silveira, vice-governador do Estado do Rio, líder sindical Euripedes Aires de Castro, sr. Toledo Pizza, prefeito de São Paulo, coronel Nemo Canabarro Lucas, deputado Flores da Cunha e finalmente os srs. João Goulart e o general Teixeira Lott.

Tôda a manifestação, que se desenrolou num clima de entusiasmo e vibração patrióticas, apontou o espírito de unidade que congrega atualmente amplos setores de nosso povo em defesa das liberdades democráticas e para a luta por um Brasil democrático próspero e independente. Todos os pronunciamentos, desde os dos representantes dos trabalhadores, aos do Vice-Presidente da República e do general Teixeira Lott evidenciaram que as aspirações de emancipação nacional congregam, realmente, as forças fundamentais de nosso povo, independentemente de convicções ideológicas e filiações partidárias. A significação da manifestação do dia 12 é precisamente esta: ao contrário do que propalam o golpismo e o entreguismo, o povo brasileiro une-se cada vez mais em favor de uma política de independência nacional.

